

APRESENTAÇÃO	2
TALITHA KUM: HISTÓRIA ESCRITA POR RELIGIOSAS	5
<i>Ir. Gabriella Bottani e Stefano Volpicelli</i>	
MULHERES E AMBIENTE: NOTAS PARA UMA ECONOMIA “DIFERENTE”	12
<i>Marcella Corsi e Giulio Guarini</i>	
A ESPIRITUALIDADE DE TALITHA KUM	20
<i>Jennifer Reyes e Coleen Jackson, RSC</i>	
“EU LHE DIGO, LEVANTE-SE” REFLEXÃO SOBRE O EVANGELHO DE SÃO MARCOS 5, 41	27
<i>Elisabeth Green</i>	
SAUDAÇÃO DA PRESIDENTA DA UISG NO INÍCIO DA ASSEMBLEIA	30
<i>Ir. Jolanta Kafka, RMI</i>	
DISCURSO DE ACOlhIDA DA COORDENADORA DE TALITHA KUM	34
<i>Ir. Gabriella Bottani, SMC</i>	
DISCURSO DO PAPA FRANCISCO	38
DECLARAÇÃO FINAL DA ASSEMBLEIA DE TALITHA KUM	41
PESSOAL DA UISG	44

APRESENTAÇÃO

Talitha Kum: 10 anos !

Irmã Gabriella Bottani, SMC

Coordenadora Internacional de Talitha Kum

Este boletim é inteiramente dedicado à Talitha Kum, a rede mundial de vida consagrada contra o tráfico de pessoas, que em 2019 comemorou 10 anos do nascimento da coordenação internacional, na União Internacional das Superiores Gerais. Celebrar é agradecer, em primeiro lugar a Deus, por nos acompanhar com fidelidade durante todos esses anos. Agradecer às mulheres, meninas, jovens que escaparam do tráfico e marcaram nossas vidas e nosso trabalho em rede. São elas que nos pediram para continuar a jornada que seguimos com coragem e determinação. Agradecer a cada Superiora Geral que acreditou, motivou e apoiou Talitha Kum e, finalmente, a todas as Irmãs, leigos e religiosos que, com competência, paixão, coragem e perseverança, dão vida às 53 redes da Talitha Kum no mundo e à coordenação internacional.

Em 2019, a celebração dos 10 anos foi marcada pelos seguintes eventos:

- A apresentação do novo logotipo Talitha Kum em 8 de fevereiro de 2019. O logotipo foi projetado de forma participativa e expressa a identidade da Talitha Kum: uma mão laranja com uma espiral interna. A ideia expressa a dinâmica do encontro de duas mãos: a de Jesus que tomou a mão da menina. Do encontro e do toque vem a energia da vida. Um movimento que vem de dentro, que cura e fortalece, “levantou-se e começou a andar”. (Marcos 5,41-42) O encontro cria uma nova sinergia, que transforma e dá forças para levantar! A cor escolhida para a mão é laranja, símbolo da luta contra a violência contra as mulheres, cor ensolarada da esperança e da vida.
- A mostra fotográfica “Nuns Healing Hearts”, (Irmãs curam corações), lançada pelo Papa Francisco durante a Assembleia Plenária da UISG em 10 de maio de 2019. A exposição fotográfica de Lisa Kristine, fotógrafa humanitária de renome internacional, coletou imagens do compromisso das Irmãs da rede Talitha Kum na Tailândia, Itália, México, Guatemala e Filipinas. A exposição foi apresentada nas Nações Unidas em Nova York para o Dia Mundial das Nações Unidas contra o Tráfico (30 de

julho) e em novembro em Tóquio (Japão), por ocasião da visita do Santo Padre. (<https://nunshealinghearts.org/>)

- A Primeira Assembleia Geral da Talitha Kum, realizada em Roma de 21 a 27 de setembro de 2019 e que reuniu 86 representantes delegados e delegadas de todas as redes Talitha Kum.
- A audiência com o Santo Padre, Papa Francisco, com os delegados e delegadas da Assembleia, realizada em 26 de setembro de 2019.
- A publicação de “Talitha Kum 2009-2019”, editada por Peter Lah, SJ, e publicada pela Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Gregoriana. A publicação é o resultado do trabalho realizado pela Talitha Kum para a criação e implementação de seu banco de dados. Os dados coletados e processados destacaram a consolidação e o crescimento quantitativo e qualitativo, tanto relacionados à formação das redes Talitha Kum, quanto aos serviços oferecidos.

Em 31 de dezembro de 2019, Talitha Kum reuniu 53 redes presentes em mais de 90 países em todos os continentes. Um compromisso que cresce e nos torna “vanguardas” da ação missionária da Igreja contra o flagelo do tráfico de pessoas, como disse o Papa Francisco, dirigindo-se aos delegados e delegadas da Talitha Kum:

“Alegro-me pelo importante trabalho que estão realizando neste ambiente complexo e dramático. Um trabalho que combina missão e colaboração entre instituições. Vocês escolheram permanecer na linha de frente. Portanto, as numerosas congregações que trabalharam e trabalham como “vanguardas” da ação missionária da Igreja contra o flagelo do tráfico de seres humanos merecem reconhecimento. E também trabalhando juntas: é um exemplo. É um exemplo para toda a Igreja, também para nós: homens, sacerdotes, bispos ... É um exemplo. Continuem assim! ”

(Discurso do Santo Padre Francisco aos participantes da primeira assembleia geral da “Talitha Kum”, A rede internacional de vida consagrada contra o tráfico de pessoas. 26 de setembro de 2019 - texto completo no anexo)

As palavras do Papa Francisco são muito bonitas e, ao mesmo tempo, são um chamado à responsabilidade. Elas ecoam a palavra do Evangelho “Talitha Kum”, um convite para avançar, levantar-se, continuar a jornada para sermos testemunhas credíveis de Cristo, deixando o Espírito de Deus tecer com nossas vidas, redes inclusivas e de apoio. Esta é a intuição missionária e profética que levou ao nascimento e crescimento de Talitha Kum!

Os artigos deste boletim reunirão vários elementos fundamentais para contar a história de Talitha Kum. Primeiramente, a história que começa no final dos anos 90 do século passado.

Depois, há a reflexão de Marcella Corsi e Giulio Guarini, professores universitários de economia política e membros do “*Minerva*” - *Laboratório sobre diversidade e desigualdade de gênero*. O artigo deles oferece um estudo aprofundado das causas do tráfico de seres humanos do ponto de vista das ciências econômicas. Combinando mulher e meio ambiente, o artigo propõe uma reflexão para uma nova economia, concluindo com uma provocação sobre a ambiguidade do mercado, apresentada por muitos teóricos da economia como promessa, que - como no caso do tráfico de pessoas - se torna uma ameaça.

Os dois artigos finais nos levam ao coração da TalithaKum, levando-nos à fonte inspiradora. O primeiro texto sobre a espiritualidade da Talitha Kum vem da reflexão de Jennifer Reyes Lay - diretora da rede Talitha Kum nos Estados Unidos e de Irmã Colleen Jackson, RSC, da rede australiana da Talitha Kum (ACRATH) e membro do Comitê Internacional de Coordenação da Talitha Kum. O segundo e último texto é de Elizabeth Green, pastora da Igreja Batista e teóloga, que nos mergulha na multidão narrada no capítulo 5 do Evangelho de Marcos, onde no versículo 41 encontramos a palavra aramaica: “Talitha Kum”.

Os discursos de abertura da Assembleia Geral da Talitha Kum, a mensagem integral do Papa Francisco dirigida aos delegados e delegadas da Assembleia e a declaração final dos delegados e delegada foram incluídas no apêndice do Boletim. Documentos que marcaram este décimo aniversário da Talitha Kum.

TALITHA KUM: UMA HISTÓRIA ESCRITA POR RELIGIOSAS

Irmã Gabriella Bottani e Stefano Volpicelli

Irmã Gabriella Bottani, SMC (Irmãs Missionárias Combonianas, desde 2005, coordena a Talitha Kum internacionalmente) e Stefano Volpicelli (Cientista Social perito em Migração e Tráfico de Pessoas, colabora com a UISG, desde o ano de 2004).

Original em Inglês

“O tráfico de seres humanos é uma ferida aberta no corpo da sociedade contemporânea, um flagelo no corpo de Cristo.” (Discurso do Papa Francisco aos participantes da Conferência Internacional sobre o Combate ao Tráfico de Pessoas, 10 de abril de 2014.)

O tráfico de seres humanos é um crime horrível que envolve milhões de mulheres, homens e crianças em todo o mundo, que são seriamente exploradas e escravizadas. Esse fenômeno trágico apareceu quase simultaneamente em todas as partes do mundo no início dos anos 90. Na Europa, Leste da Ásia e no Pacífico, é caracterizada principalmente pela exploração sexual (66%), enquanto na Ásia Central a maioria das vítimas é destinada ao trabalho escravo. O número de pessoas envolvidas, adultos e crianças de ambos os sexos, está aumentando constantemente, assim como os diferentes tipos de exploração. Os objetivos do tráfico de pessoas são: exploração sexual (prostituição, pornografia, serviços de acompanhantes, cibersexo), trabalho forçado (agro-pastoril, construção, restauração, manufatura, indústria de pescado, indústria de serviços), ajuda doméstica, mendicância forçada, pequenos crimes, coleta de órgãos; casamentos forçados; recrutamento de crianças-soldados / grupos terroristas, adoção ilegal, gravidez comercial.

Nos últimos anos, o tráfico foi cada vez mais entrelaçado com o dos fluxos migratórios. O tráfico de pessoas é uma expressão muito real e perversa do processo de globalização e comercialização de tudo e de todos. É um dos negócios ilegais mais lucrativos do mundo, juntamente com o tráfico de drogas e armas. Mulheres e meninas juntas representam 72% das pessoas traficadas. Talitha Kum entra na violenta narrativa de exploração e tráfico de pessoas tecendo gestos de acolhimento, cuidado, empoderamento, inclusão e bem.

O início de Talitha Kum remonta ao final dos anos 90, quando algumas religiosas que trabalham com mulheres vítimas de violência ou em situações de exploração sexual, principalmente na Europa, entraram em contato com a dolorosa e violenta realidade do tráfico de pessoas. Elas logo perceberam a magnitude e a complexidade do que estava acontecendo, e começaram a dialogar entre si para mobilizar mais recursos e acima de tudo para conscientizar suas congregações sobre o que estava acontecendo.

As Superiores Gerais da União Internacional (UISG) uma vez conscientes desse contexto emergente, solicitaram à Comissão de Justiça e Paz da UISG (JPIC) que organizasse alguns eventos para estudar esse problema crescente. Uma dessas reuniões ocorreu em Roma, em 1998, com a participação de Irmã Lea Ackermann, MSOLA, que se comprometera a trabalhar contra o tráfico de pessoas desde 1985, no Quênia. O Grupo de Trabalho Anti-Tráfico (ATWG) da Comissão JPIC foi o principal resultado deste encontro com Irmã Lea.

Em 2001, o ATWG apresentou o fenômeno do tráfico de seres humanos a mais de 800 superiores gerais reunidas em Roma para a Plenária da UISG. Em sua declaração final, as participantes da Plenária da UISG declararam:

"Nós, quase 800 mulheres líderes de um milhão de membros de Institutos Religiosos Católicos em todo o mundo, declaramos publicamente nossa determinação de trabalhar em solidariedade umas com as outras, dentro de nossas próprias comunidades religiosas e nos países em que estamos localizadas, para abordar insistentemente em todos os níveis o abuso e a exploração sexual de mulheres e crianças, dando especial atenção ao tráfico de mulheres, que se tornou um negócio multinacional lucrativo".(Declaração das Líderes Religiosas: Boletim UISG - Número Especial 116)

O compromisso manifestado publicamente em 2001 foi confirmado mais uma vez pelas Superiores Gerais durante a Plenária da UISG de 2004, abrindo caminho para uma colaboração intercongregacional mais intensa entre as congregações religiosas no campo do combate ao tráfico.

Desde o seu início, Talitha Kum nasceu através de processos de diálogo e discernimento, levados a cabo pelas Irmãs comprometidas com esta causa junto às líderes das Congregações Religiosas.

Os Marcos Referenciais

Ao longo da jornada que detalha o início da Talitha Kum, podemos encontrar os seguintes marcos:

- Ano 2003: A publicação "Tráfico de mulheres e crianças: kit de informações e oficinas", desenvolvido pela Comissão JPIC com a colaboração da Cáritas International. Essa ferramenta foi traduzida para pelo menos sete idiomas e foi distribuída para as Irmãs em todo o mundo.

- Ano 2004: No Canadá, a Conferência das Superiores Maiores do Canadá criou o “Comité d’action contre la traite humaine interne et internationale” (CATHI); na Austrália, um grupo de congregações femininas fundou o “Religiosas Católicas Australianas Contra o Tráfico de Seres Humanos (ACRATH)”.
- Ainda, em 2004, foi lançada uma parceria de colaboração entre a UISG e a OIM (Organização Internacional da Migração). A importância deste projeto na formação da identidade de Talitha Kum, como é hoje, requer uma apresentação mais detalhada.

Colaboração entre a União das Superiores Gerias (UISG) e a Organização Internacional da Migração (OIM) Das sessões de capacitação à fundação da Talitha Kum.

O conceito, que levou a OIM à realização do projeto, tornou-se uma proposta concreta durante a Conferência Internacional realizada em Roma, de 15 a 16 de maio de 2002. Foi intitulada “Escravidão do século XXI: a dimensão dos direitos humanos no tráfico de seres humanos”. A conferência foi organizada por membros do Corpo Diplomático acreditado pela Santa Sé, em conjunto com a Pontifícia Universidade Gregoriana, os Pontifícios Conselhos de Justiça e Paz e a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes.

Durante o evento, foi reconhecido e elogiado o envolvimento de religiosos - e especialmente de religiosas - na realização de iniciativas preventivas em relação às pessoas vulneráveis, bem como na prestação de assistência às vítimas. Infelizmente, de acordo com os participantes do painel, esse compromisso ativo foi frequentemente prejudicado pela falta de preparação e coordenação entre as congregações religiosas, bem como entre outras agências locais ou internacionais.

Uma das recomendações decorrentes da Conferência, que por sua vez se tornou o objetivo deste projeto, estava relacionada à necessidade de aprimorar a abordagem do pessoal religioso em relação ao fenômeno do tráfico, desenvolvendo e testando um módulo de capacitação para o pessoal religioso. Este módulo abordaria os seguintes tópicos: abordagens de prevenção social ao tráfico, técnicas de assistência às vítimas, desenvolvimento de material de conscientização apropriado ao contexto e criação de uma rede transnacional anti-tráfico.

O escritório dos EUA para a População, Refugiados e Migrantes (PRM) financiou o projeto, com a OIM apontada como a principal agência encarregada de pesquisar a questão da colaboração entre instituições religiosas.

Os objetivos foram definidos da seguinte forma:

- Desenvolver, testar e executar módulos de capacitação para os religiosos e religiosas de várias denominações para lidar, tratar da prevenção social do tráfico e assistência às vítimas;

- elaborar diretrizes e material de conscientização;
- criar uma rede anti-tráfico entre os religiosos e religiosas.

As atividades do projeto, bem como todos os materiais utilizados durante a implementação do projeto, foram construídos em parceria com as seguintes organizações¹:

- UISG: União Internacional das Superiores Gerais (religiosas)
- USMI: União das Superiores Maiores da Itália (religiosas)
- ICMC / Fundação Migrantes (Roma)

O primeiro passo previa o planejamento de uma sessão de capacitação adaptada às necessidades das Irmãs. Para esta tarefa, tanto a OIM quanto a UISG/USMI indicaram Stefano Volpicelli, Roberto Rossi, Irmã Bernadette Sangma, FMA e Irmã Eugenia Bonetti, MC, como seus respectivos profissionais.

O conteúdo da capacitação foi organizado sequencialmente, com sete etapas (apostilas) apresentando abordagens de tráfico e contra-tráfico.

As apostilas começam com uma introdução detalhada ao tráfico, que elucida os fatores de “empurrar e puxar”, os perfis das vítimas e os riscos à saúde comumente associados ao tráfico (apostilas 1-3).

Uma vez que o fenômeno é compreendido com firmeza, são consideradas as atividades de prevenção destinadas aos países de origem e destino.

A seguir, é examinado o “relacionamento de ajuda”, como uma técnica de suporte a ser seguida.

Depois que a técnica é introduzida, compreendida e praticada, o resultado pretendido (empoderamento da vítima) é explorado em detalhes.

Da mesma forma, as limitações do relacionamento de ajuda, muitas vezes percebidas como falha pelo “ajudante”, são apresentadas e discutidas. Esse é um tópico particularmente importante, pois desconsiderar as limitações naturais pode levar à frustração e eventual esgotamento.

Tendo em mente que o curso de capacitação pretende atender às diversas expectativas das Irmãs, tanto de países de origem quanto de destino, ele foi projetado para incluir o maior número possível de questões relacionadas ao tráfico.

A capacitação sempre foi realizada por dois instrutores / as líderes (um da OIM e outro da UISG), apoiados por um / a facilitador / a local.

No início, o projeto visava formar Irmãs ativas em países particularmente afetados pelo fenômeno. Os dois primeiros anos foram implementados com esse objetivo em mente.

A estratégia foi modificada no terceiro ano. Após um levantamento de dados feitos em conjunto pela UISG / OIM da avaliação positiva da capacitação (e sessão de acompanhamento), decidiu-se maximizar o impacto da capacitação, envolvendo

mais representantes de diferentes países pertencentes a uma área geográfica específica.

De 2006 a 2010, essa estratégia foi adotada e impulsionou definitivamente o envolvimento de Irmãs em ações de combate ao tráfico.

Outro ponto chave surgiu em 2008. Mais uma vez, a UISG e a OIM avaliaram os resultados dos anos anteriores. O número de Irmãs capacitadas foi consistente, e as duas agências decidiram organizar uma reunião para discutir estratégias e comparar as atividades operacionais realizadas. Foi durante o congresso que a ideia de uma rede mundial começou a tomar forma.

No ano seguinte, 2009, outro congresso foi organizado, desta vez com o objetivo de estabelecer uma rede. O resultado dessa rede foi a fundação de Talitha Kum.

O projeto terminou em 2010, quando foi decidido que Talitha Kum podia e deveria andar com seus próprios pés. A OIM permaneceu como parceiro externo de apoio e a UISG começou a angariar fundos de várias fontes.

Uma coordenação internacional em Roma: Talitha Kum

O principal resultado do Congresso de 2009 foi uma solicitação oficial ao Conselho Executivo da UISG para estabelecer um escritório em Roma com o objetivo de coordenar as redes existentes em nível internacional.

“Talitha Kum”, o nome inspirador para as Redes, veio do Evangelho de Marcos, capítulo 5, quando Jesus ordenou que a jovem, que aparentemente estava morta, se levantasse e continuasse a viver.

No mesmo ano, o Conselho Executivo da UISG aprovou a solicitação e, em 2010, nomeou Irmã Estrella Castalone, FMA, como a primeira coordenadora.

Irmã Castalone era ex-membro da Talitha Kum nas Filipinas e coordenou a Talitha Kum de 2010 a 2014. Ela estabeleceu as bases da Talitha Kum, que é uma rede de redes lideradas por Irmãs, que atuam na base, estão enraizadas na realidade e muito comprometidas para enfrentar o tráfico de pessoas.

Irmã Castalone orientou as atividades da Talitha Kum, dando continuidade aos programas de capacitação principalmente na América Latina, Sudeste Asiático e África. Ela também iniciou o diálogo oficial entre as Organizações do Vaticano e Talitha Kum em relação ao tráfico de pessoas.

Em maio de 2011, Talitha Kum / UISG chamou representantes de todas as redes para Roma para o Primeiro Comitê de Coordenação Internacional da Talitha Kum. O objetivo do encontro foi definir as prioridades do escritório da Talitha Kum em Roma. Estes foram identificados como: Formação, Rede e Comunicação. Nesse mesmo período, outras redes ingressaram na Talitha Kum e, após cinco anos, a Talitha Kum teve um número crescente de fortes trabalhos em redes descentralizadas.

Em 2014, algumas Irmãs italianas lideradas por Irmã Eugenia Bonetti, MC, e Irmã Rita Giaretta, SOSC, solicitaram ao Papa Francisco que promovesse, em 8 de fevereiro o - Memorial de Santa Bakhita - o Dia Internacional de Oração e Conscientização contra o tráfico de pessoas (IDPAHT). O Secretário de Estado do Vaticano H.E. Cardeal Pietro Parolin, em resposta a este pedido, confiou à União Internacional das Superiores Gerais (UISG) e aos Superiores Gerais da União (USG) a responsabilidade de promover este dia. O primeiro IDPAHT, sob o lema: “uma luz contra o tráfico de pessoas”, foi celebrado em 8 de fevereiro de 2015. Desde então, a coordenadora do Talitha Kum é responsável pelo comitê interinstitucional, que promove o IDPAHT a cada ano. Os membros do comitê são a Seção Migrantes e Refugiados, a Pontifícia Academia de Ciências Sociais, Caritas Internationalis, União Internacional da Associação de Mulheres Católicas. (www.preghieracontrotratta.org)

Irmã Gabriella Bottani, SMC, assumiu a coordenação da Talitha Kum em janeiro de 2015. Ela é a segunda coordenadora internacional. Até então, Irmã Bottani era um membro ativo do “Um Grito pela Vida”, a rede brasileira da Talitha Kum. Naquela época, a conexão internacional era considerada fraca. Esse foi o principal desafio enfrentado por Irmã Bottani.

Em fevereiro de 2016, o Segundo Comitê de Coordenação Internacional da Talitha Kum foi organizado em Roma. As principais prioridades da rede global foram confirmadas como: Formação, Rede, Comunicação, enquanto outras foram adicionadas: dar visibilidade ao tráfico de pessoas também através do trabalho das Irmãs; mais recursos humanos e econômicos necessários para apoiar o compromisso antitráfico; no nível geográfico, fortalecer a colaboração contra o tráfico de pessoas na África Subsaariana e no Oriente Médio.

Desde então, Talitha Kum desenvolveu vários projetos-piloto para implementar as prioridades identificadas. Na área de Redes e Comunicação, Irmã Bottani apresentou, com o apoio do Ofício de Comunicação da UISG, um novo site (www.talithakum.info), mídias sociais e um boletim periódico para facilitar a comunicação e o intercâmbio de informações entre as redes da Talitha Kum. Em 2017, iniciou o processo de coleta de dados com a criação de um banco de dados oficial, em colaboração com a Pontifícia Universidade Gregoriana.

Na área de formação, a Talitha Kum / UISG, desde 2014, organizou 35 cursos e capacitou 1035 Irmãs e Irmãos religiosos. Em 2017, em colaboração com a Pontifícia Universidade Antonianum, a Talitha Kum projetou um curso piloto para líderes da Talitha Kum. O primeiro curso foi implementado em 2018-2019, com a participação de 22 líderes, vindos da Ásia, África, América Latina e Europa.

Desde o início, Talitha Kum trabalha para expandir suas habilidades de trabalho em rede com outras organizações da Igreja, governamentais e não governamentais. Em 2017, Talitha Kum tornou-se parceira oficial da Seção Migrantes e Refugiados do Dicasterio para o Desenvolvimento Humano Integral. Em 2018, um grupo significativo de Irmãs participou da preparação do Documento de Ensino Social

Católico “Orientação Pastoral ao Tráfico de Pessoas”, publicado pela Seção Migrantes e Refugiados em fevereiro de 2019.

Desde 2018, foram feitos maiores esforços no contexto inter-religioso. O principal resultado foi o estabelecimento, sob a União do Superior Maior do Líbano, da primeira rede inter-religiosa de Talitha Kum no Oriente Médio: Wells of Hope (Poços de Esperança), coordenada por Irmã Claude Naddaf, RGS.

A Primeira Assembleia Geral da Talitha Kum, realizada em Roma, de 21 a 27 de setembro de 2019, confirmou as prioridades das Redes, Comunicação e Formação para o período 2020-2025 e acrescentou as seguintes áreas de ação especiais: Programas de Prevenção e Educação, Advocacia e Serviços aos Sobreviventes e sua participação ativa nas redes. No nível geográfico, África e Ásia foram identificadas como uma prioridade para Talitha Kum.

No final do ano de 2019, a Talitha Kum totalizava 53 redes presentes em 93 países. A rede estabelecida mais recente foi a Talitha Kum Moçambique em dezembro de 2019.

A história da Talitha Kum é muito mais do que a cronologia acima apresentada e a ordem dos eventos, fatos e obras ao longo do tempo. Nossa missão de combater o tráfico de pessoas está em andamento, a tecelagem de encontros entre Irmãs e Irmãos religiosos, juntamente com muitas pessoas comprometidas contra o tráfico de pessoas. De uma maneira muito única, Talitha Kum abrange as histórias de vida de milhões e milhões de vítimas e sobreviventes traficadas. São elas que nos estendem a mão, assim como Jesus fez com a menina, convidando-nos a nos erguer, com coragem e esperança, para continuar juntos / juntas nosso compromisso contra o tráfico de pessoas.

¹ A Fundação Migrantes deixou o Projeto em 2005; USMI, um ano depois.

MULHERES E AMBIENTE: NOTAS PARA UMA ECONOMIA “DIFERENTE”

Marcella Corsi e Giulio Guarini

Marcella Corsi e Giulio Guarini são professores de Economia Política, respectivamente na Universidade Sapienza de Roma e na Universidade de Tuscia (Viterbo).

Original em Italiano

A economia deve repensar e construir um novo relacionamento com a natureza. Para isso, é necessário implementar boas práticas “verdes” em relação à economia circular e ao uso de energias renováveis, mas essas mudanças se realizam e se difundem quando as mulheres são protagonistas, uma vez que são as mulheres responsáveis pela economia familiar e pelos cuidados com os filhos; esse último aspecto também as torna, se bem sensibilizadas, educadoras da sustentabilidade ambiental para as novas gerações.

Mobilizar mulheres para proteger o meio ambiente envolve combater as desigualdades de gênero. Bina Agarwal, economista indiana de referência sobre essas questões, destaca como as desigualdades de gênero, especialmente nos países do Sul do mundo, têm seu núcleo no controle e posse dos recursos naturais. Contando sobre sua trajetória de pesquisa,¹ Agarwal parte de um episódio a partir do qual seus estudos de gênero começaram: em 1978, um grupo de mulheres pobres na Índia pediu ao conselho da vila “*Por favor, vá e pergunte ao governo por que quando distribuí terras, não recebemos as escrituras? Não somos camponesas? Se nossos maridos nos expulsam, qual é a nossa segurança?*”.

A propriedade masculina da terra é o ponto de partida de uma série de obstáculos econômicos, sociais, culturais e normativos à emancipação das mulheres. Por exemplo, de um estudo realizado na Índia² verifica-se que a porcentagem de esposas vítimas de violência doméstica é de 49% entre as mulheres pobres, enquanto cai para 7% entre as mulheres que possuem propriedades.

Portanto, políticas públicas em todos os níveis devem sempre levar em consideração as diferenças de gênero presentes em todos os principais locais da vida, como família, comunidade e trabalho.

Mas a questão de gênero ligada ao desenvolvimento sustentável também assume outro significado. Cada comunidade, cada território tem uma capacidade potencial de produção, ou seja, uma capacidade de gerar não apenas bens econômicos privados, mas também “bens públicos”, ideias, projetos, ações coletivas. Esse “potencial gerador” pode ser seriamente subutilizado ou “mal utilizado”, e a falta de crescimento socioeconômico das mulheres é um caso evidente. Como as mulheres não lideram os processos de desenvolvimento, estas têm em primeiro lugar uma limitação “quantitativa”: de acordo com um estudo da FAO,³ se nos países do Sul do mundo as mulheres tivessem o mesmo acesso que os homens têm aos meios produtivos, sua produtividade aumentaria de 20 a 30% e a produção agrícola total aumentaria para 4%⁴. Mas há também uma limitação “qualitativa”, porque o sistema pode tomar direções insustentáveis, do ponto de vista ambiental e social.

A iniciativa ‘Agenda 2030’ das Nações Unidas promove uma estratégia de políticas e de cooperação para o desenvolvimento por meio da identificação e monitoramento de vários indicadores estatísticos referentes aos chamados ‘Objetivos de Desenvolvimento Sustentável’, de acordo com um conceito multidimensional de sustentabilidade que inclui a esfera econômica, ambiental e social. O quinto objetivo está relacionado à igualdade de gênero. **Estudos recentes mostram que o combate à desigualdade de gênero não é apenas uma área específica de ação, mas também um meio válido para alcançar a maioria dos outros objetivos**⁴. Por esse motivo, é desejável a criação de indicadores de gênero relacionados ao meio ambiente e a promoção de intervenções direcionadas ao meio ambiente, nas quais as mulheres estejam diretamente envolvidas na projeção e na implementação de “mudanças ecológicas”.

As mulheres são as primeiras vítimas de fontes poluentes de energia e de recursos naturais poluídos: nos países do Sul do mundo, as mulheres têm um risco de mortalidade por emissões poluentes domésticas (devido ao uso de energia fóssil com métodos altamente ineficientes) superiores a 50 % daquele dos homens. **Não se deve esquecer que 80% da água é coletada graças às mulheres.**⁶

O papel das instituições

A conexão entre a proteção do meio ambiente e a luta contra o aquecimento global, por um lado, e a valorização das mulheres na sociedade, por outro, **é uma conexão totalmente nova dentro das instituições internacionais**. A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC), o assunto global mais importante no campo, originalmente não mencionava a questão da desigualdade de gênero. Graças, no entanto, ao trabalho de muitos grupos de pressão e lobbies de mulheres que trabalharam constantemente nisso nos últimos 15 anos, a situação

mudou: em 2012, o vínculo entre gênero e clima tornou-se um item essencial na agenda da Conferência Anual dos Partidos (COP), o órgão dirigente do processo internacional de negociação climática. Um grupo de trabalho dedicado a esse tópico foi formado dentro do secretariado da UNFCCC e os governos foram solicitados a nomear *pontos focais de gênero*, chamados a representar o ponto de referência em suas organizações e a informar sobre o progresso em igualdade de gênero e o grau de consideração do impacto de gênero na política climática de seus países.

As instituições europeias também **questionaram-se sobre a ligação entre mudança climática e igualdade de gênero**: relevante tem sido a resolução do Parlamento Europeu de 2018, na qual o tribunal de Estrasburgo fez alguns pedidos específicos à Comissão e a toda a comunidade internacional.⁷ Entre eles, o texto propõe que os três mecanismos financeiros da UNFCCC (Fundo Verde para o Clima, Fundo Mundial para o Meio Ambiente e Fundo de Adaptação) liberem fundos adicionais para uma política de investimento mais favorável ao clima, capaz de responder a questões de gênero. O documento pede que a ajuda ao desenvolvimento da União Europeia esteja condicionada à inclusão de critérios baseados nos direitos humanos e convida a Comissão a tomar a iniciativa de desenvolver uma comunicação abrangente intitulada “Igualdade de gênero e mudança climática - reforçar a resiliência e promoção da justiça climática nas estratégias de mitigação e adaptação”.

O **Banco Mundial e as Mulheres da ONU**,⁸ ativas, também, nessa frente, já haviam publicado um relatório informativo em 2011.⁹ Também aqui, no entanto, os três principais elementos que mais tarde seriam retomados e, em alguns casos, ampliados, já estavam claramente divulgados por vários atores internacionais: primeiro lugar, **que as mulheres são desproporcionalmente vulneráveis aos efeitos de desastres naturais e mudanças climáticas** em contextos em que seus direitos e status socioeconômico não são iguais aos dos homens; em segundo lugar, que remediar essa desigualdade e, portanto, **investir na emancipação das mulheres é uma contribuição fundamental para a construção da resiliência climática**. Finalmente, esses caminhos de redução de emissões podem ser muito mais eficazes e justos se uma abordagem que integra uma perspectiva de gênero - o que também significa **que um maior número de mulheres deve estar presente nos órgãos nacionais e globais para tomar decisões sobre esta questão**.

Quando a economia mata

Repensar a relação entre as mulheres e o meio ambiente faz parte de um projeto maior, de repensar a economia como ciência social. “*Esta economia mata*” é uma declaração provocativa e profética do Papa Francisco sobre críticas ao sistema econômico atual, governado pelo capital financeiro, o paradigma tecnocrático, a ideologia neoliberal e uma cultura individualista.¹⁰ **As mulheres e a natureza podem ser consideradas como duas “vítimas” de tal sistema**. Vítimas de uma

economia numa grave crise estrutural, que tende a ser um prenúncio de uma “cultura de morte”.¹¹

No século passado, as contradições do capitalismo diziam respeito ao conflito entre capital e o trabalho, enquanto hoje as tensões socioeconômicas ultrapassaram as fronteiras corporativas, influenciando os processos sociais, culturais, políticos, institucionais e a dimensão pessoal. **As contradições da economia atual dizem respeito à relação entre capital e vida:** não há área da vida privada e pública que não seja investida pelos mecanismos do mercado neoliberal, também presentes nas formas de agir e pensar. Por isso, é necessário pensar sobre sua sustentabilidade não apenas ambiental, mas também social. A Doutrina Social da Igreja nasceu tratando o conflito entre capitalistas e trabalhadores “de acordo com a justiça e a equidade” com a Encíclica *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII;¹² O Papa Francisco recentemente na encíclica *Laudato Si* ‘analisou as causas econômicas da crise ecológica com o objetivo de “unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral”.¹³

Na segunda metade da década de 1700, Adam Smith, um dos fundadores da ciência econômica, no capitalismo inicial, concebeu o progresso econômico e tecnológico como uma função do progresso social e viu grandes oportunidades econômicas e sociais.¹⁴ Ao mesmo tempo, ele se preocupava em governá-lo e em reformar a sociedade, para que fossem criados os anticorpos certos, capazes de neutralizar seus lados sombrios; por exemplo, ele propôs a educação primária obrigatória para os trabalhadores combaterem sua “barbarização” devido à alienação (um conceito posteriormente adotado por Marx). **Hoje, essa “barbarização” diz respeito ao próprio sistema que transforma o que deveria ser o “meio” (recursos financeiros, bens e tecnologia) em “fins”,** passando de uma visão segundo a qual “o financeiro está a serviço da economia governada pela política” a uma oposição na qual “a política está a serviço da economia governada pelas finanças”.

Essa convulsão é contrastada por várias abordagens, infelizmente minoritárias, incluindo a recente de Amartya Sen.¹⁵ Sen concebe o desenvolvimento humano como uma expansão da liberdade individual e coletiva substancial através da transformação de recursos econômicos na capacidade de “ser e fazer”: uma bicicleta não apenas transporta pessoas, mas em uma vila no hemisfério Sul, pode representar, para os que a possuem, a “capacidade de ser educado”, dada a falta de transporte público e a escassa difusão territorial das escolas. A economia deve, portanto, ser analisada com vistas ao desenvolvimento humano, e bens e riquezas valorizados como ferramentas e não como fins em si mesmos. Nessa perspectiva, quando os serviços essenciais são negados às mulheres, então a renda familiar ou o gasto público para elas não representa nada, ou pior, eles podem contribuir para perpetuar a desigualdade. Por outro lado, **a natureza vista como fator produtivo só pode ser explorada o máximo possível, embora deva ser preservada e valorizada como um “recurso” que no processo de desenvolvimento humano pode “converter” não apenas em saúde e qualidade de vida, mas também na**

identidade das pessoas e na manutenção de valores culturais, sociais e espirituais. Como o Papa Francisco afirma, na encíclica acima mencionada, explicando o conceito de ecologia integral, “tudo está conectado”: economia, sociedade e natureza. A justiça intergeracional não deve substituir a justiça intra-generacional, porque deixar as novas gerações em um ambiente melhor do que o atual também deve significar deixar a elas uma sociedade mais justa. Lidar com a questão da sustentabilidade de gênero e ambiental de maneira séria e estrutural implica uma crítica aos mecanismos e fundamentos do atual sistema econômico. Por exemplo, hoje, em que um efucionismo obtuso questiona as conquistas sociais devido à redução do horário de trabalho, a questão da reconciliação trabalho-família é uma questão não só para as mulheres, porque enfoca o problema da relação individual e coletiva entre trabalho e qualidade de vida: **o homem é para o trabalho ou o trabalho é para o homem?** Assim como a escassa valorização dos “trabalhos de assistência” normalmente suportados pelas mulheres, mostra como essa economia não sabe proteger a vida quando é “frágil”, como no caso de crianças e idosos. Por outro lado, **uma releitura séria do papel da natureza implica uma conscientização renovada da falta de “senso de limite” nos mecanismos econômicos atuais.** De fato, o neoliberalismo, que prevalece longe de tornar a economia um dos instrumentos da libertação humana, promove a “libertação do mercado” dos chamados “laços e armadilhas” (com tom depreciativo) que indicam os limites normativos, éticos e naturais necessários; portanto, o único critério racional de escolha individual e coletiva reconhecido é o de conveniência. Se o capitalismo se impôs na história como um sistema capaz de solucionar o problema da escassez, hoje está em crise porque produz uma abundância cada vez mais injusta (em benefício de poucos) e insustentável (por danos ao meio ambiente). produzido por ele, embora não seja capaz de gerar a “abundância de vida”¹⁶ para todos, de que a humanidade precisa urgentemente.

O mercado como promessa e como ameaça

Há um problema crescente: **quanto espaço é legítimo atribuir ao mercado quando se fala de capital de vida?**

Os objetos que podem ser de propriedade e negociados livremente no mercado por meio de transações de compra e venda são mercadorias. Mas o que acontece quando a mercadoria trocada no mercado é o corpo dos seres humanos, no todo ou em parte? Quando, pelas razões do capitalismo, os patrimônios da humanidade são destruídos como florestas, com seu corolário de história, cultura e vida, típico dos povos indígenas?

Uma reflexão crítica sobre a economia de hoje não pode deixar de olhar para as instituições legais de propriedade e contrato, perguntando-se quais são os limites dessas instituições. O que torna um contrato juridicamente vinculativo? Que tipo de coisa não pode ser considerada propriedade privada? Essas perguntas inevitavelmente nos levam a investigar a mercantilização e seus limites.

A propriedade é limitada (entre outras coisas) pela crença ética ou cultural generalizada de que algumas coisas não devem ser consideradas como objetos a serem possuídos.

A estipulação de um contrato é limitada (entre outras coisas) pela crença ética ou cultural generalizada de que algumas coisas não devem ser objetos de troca em transações comerciais. O termo “mercantilização” significa considerar algo como um objeto de propriedade e contrato, e sua venda e compra no mercado como uma mercadoria. O mesmo termo também alude ao processo pelo qual o que geralmente é considerado fora da avaliação de mercado se torna uma mercadoria sujeita a transação econômica.

A mercantilização é de muito tempo matéria de reflexão e preocupação para aqueles que se ocupam da relação entre economia e ética, e mesmo em termos laicos.

A mercadoria é freqüentemente vista como algo que ameaça os traços constituintes da natureza humana. As reservas sobre a mercantilização do que é considerado uma parte essencial do indivíduo, como nosso corpo, muitas vezes se baseiam em uma ética centrada no respeito à pessoa humana. Se os aspectos fundamentais da natureza humana, representativos de nossa essência profunda, são monetizados, o que resta de nossa humanidade?

Por outro lado, **o nascimento de um mercado é frequentemente visto como uma oportunidade e uma esperança, e não como uma ameaça.** De fato, alguns economistas, em uma posição dominante nas universidades, não apenas nos Estados Unidos, são promotores de uma **retórica real do mercado**, ou uma apologia do mercado, **pela qual pode ser considerado da perspectiva do mercado ou em termos de valor monetário de troca, mesmo as coisas que não são efetivamente objeto de compra e de venda.**¹⁷

Por exemplo, alguns economistas da escola de Chicago são famosos por terem estendido a lógica e a terminologia do mercado à análise das escolhas de fertilidade. Em seu livro *“Tratado sobre a família”*, Gary Becker afirma que *“(...) a demanda por crianças depende de seu preço relativo ... Um aumento no preço relativo de crianças ... reduz sua demanda e aumenta a de outras mercadorias”*.

Na retórica do mercado, todos os valores são considerados “comensuráveis”, ou seja, redutíveis a uma única medida de valor (por exemplo, dinheiro), a fim de permitir trocas comerciais. Pelo contrário, se queremos defender “a incomensurabilidade” de alguns valores, não podemos considerar admissíveis as trocas relacionadas a eles.

A incomensurabilidade entre valores é um tema filosófico complexo, e os filósofos ainda não chegaram a uma interpretação comum. Os insights sobre isso permanecem divididos.

Mas podemos dizer que o mero uso do jargão das mercadorias é prejudicial à humanidade, mesmo na ausência de uma comercialização eficaz? Uma questão

complexa, bem como a questão de saber se a retórica do mercado realmente leva à mercantilização. No exemplo de Becker mencionado acima, a avaliação de crianças em termos econômicos acabará dando origem ao mercado de recém-nascidos? Esse dilema complica ainda mais a avaliação ética da mercantilização.

Outra complicação surge sobre proibir ou regular o mercado quando as leis que o fazem têm um valor predominantemente simbólico. Nesse caso, a lei seria usada apenas para dizer que todos nós idealmente queremos apoiar valores que não sejam os do mercado e gostaríamos de manter esses valores acima das armadilhas das avaliações de mercado, mesmo quando sabemos que isso não é verdade na prática. O mercado negro existe para a prostituição, o tráfico de órgãos humanos e a adoção de crianças. Vale a pena tolerar a corrupção no mercado negro apenas para poder afirmar simbolicamente nossos ideais?

Alguns sistemas legais legalizaram a prostituição para proteger as profissionais do sexo contra doenças, violência e apropriação indébita de indenizações. No entanto, nenhum sistema legal legalizou a venda de crianças ou o tráfico de mulheres. Embora algumas jurisdições tenham tomado posições diferentes sobre a doação de órgãos após a morte, nenhuma jamais legalizou o comércio entre pessoas que ainda estão vivas.

Concluindo, esse raciocínio nos leva a analisar, em termos laicos, **a visão ética subjacente à idéia de respeito à pessoa humana**. Esse conceito de pessoa humana está ligado à ideia de liberdade e foi fixado por Immanuel Kant no final da década de 1700. Na visão de mundo kantiana, o universo é dividido em duas categorias, pessoas e objetos, e a lei moral exige a maximização da liberdade pessoal. **Em um contexto social que envolve muitos indivíduos, a liberdade de cada pessoa é maximizada por leis que permitem a mais ampla liberdade no uso de bens, mas proíbem o uso de outras pessoas de qualquer forma.**

Isto também deve se aplicar ao uso que se faz do próprio do corpo. Como outro grande economista do século XIX, John Stuart Mill, ressalta, ninguém deve ficar livre para se vender como escravos. Em seu tratado *On Liberty*, Mill escreve: *“Ao se vender como escrava, (uma pessoa) renuncia à sua liberdade; renuncia a qualquer uso futuro que vá além desse ato único. O princípio da liberdade não pode exigir que ela seja livre para não ser livre. Não é liberdade, poder alienar a própria liberdade.”*¹⁸

¹ Agarwal, B. (2018), “O Desafio da Igualdade de Gênero”, *Economia Política*, 35 (1): 3-12.

² Ibid.

³ Ibid.

⁴ Ibid.

- ⁵ UN Women (2018), *Tornar Promessas em Ação: Igualdade de Gênero na Agenda 2030 por um Desenvolvimento Sustentável*, <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2018/2/gender-equality-in-the-2030-agenda-for-sustainable-development-2018#view>.
- ⁶ Ibid.
- ⁷ *Resoluções do Parlamento Europeu de 16 de janeiro de 2018 sobre as mulheres, igualdade de oportunidades e a justiça climática*, http://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-8-2018-0005_IT.html?redirect
- ⁸ <http://interactive.unwomen.org/multimedia/photo/climatechange/en/index.html>
- ⁹ Gênero e Mudança Climática: *Hã coisas que você precisa saber*, <http://documents.worldbank.org/curated/en/274081468183862921/pdf/658420REPLACEM00Box374367B00PUBLIC0.pdf>
- ¹⁰ Galeazzi, G. e Torielli, A. (2015), *Papa Francisco. A Economia que mata*, Edizioni Piemme.
- ¹¹ *Evangelium Vitae*, 12.
- ¹² *Rerum Novarum*, 1.
- ¹³ *Laudato si'*, 13
- ¹⁴ Smith, A. (1776) *A Riqueza das Nações* rist. 1994, Modern Library.
- ¹⁵ Sen, A. (2001), *Desenvolvimento como Liberdade*, Oxford University Press.
- ¹⁶ *Evangelho de São João* 10,10.
- ¹⁷ Radin, M. J. (2011), “Corpos e Mercados: Argumentos Éticos e Escolhas”, *in Genere*, 6/09/2011.
- ¹⁸ Mill, J. S. (1859), “Sobre a Liberdade”. *Ensaio em Política e Sociedade*. Part I, vol. 18 de *O Trabalho Coletado de John Stuart Mill*, edited by J. M. Robson, pp. 213–310, University of Toronto Press, 1977.

A ESPIRITUALIDADE DE TALITHA KUM

Jennifer Reyes e Coleen Jackson, RSC

Jennifer Reyes Lay é Diretora Executiva das Irmãs Católicas dos Estados Unidos que trabalham contra o Tráfico Humano (USCSAHT). Irmã Colleen Jackson é membro das Religiosas Católicas Australianas que trabalham contra o Tráfico de Seres Humanos (ACRATH).

Original em Inglês

Introdução

Talitha Kum é uma união internacional de Redes de Vida Consagrada que trabalha para acabar com o tráfico de pessoas em todo o mundo. É a organização guarda-chuva de todas as redes nacionais e regionais de vida consagrada que trabalham para acabar com o tráfico de pessoas e é um projeto da União Internacional das Superiores Gerais. O apelo para nos engajar nesse trabalho desafiador e necessário está enraizado na vida e no ministério de Jesus, o qual está inerentemente ligado à fé católica. Reconhecemos a presença amorosa e vivificante de Deus em todos os que trabalham para erradicar essa forma de escravidão moderna e agradecemos a colaboração e o diálogo com todas as pessoas envolvidas neste trabalho, independentemente das diferenças de fé, política ou cultura.

Esta reflexão se concentrará na Espiritualidade da Talitha Kum - o espírito fundamental que nos chama ao trabalho para acabar com o tráfico de seres humanos e nos dá força e sustento para continuar neste ministério.

A espiritualidade da Talitha Kum International está enraizada na vida, morte e ressurreição de Jesus - o Cristo, o Verbo que se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14), para que todos tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10). As palavras “Talitha Kum” vêm da história em Marcos 5,41, onde Jesus cura uma jovem, que se acredita estar morta, e a chama de volta à vida dizendo: “Talitha Kum”, ou seja, “jovem, digo-lhe, levante-se”. E ela se levantou.

Também encontramos meninas e meninos, mulheres e homens, presos em situações de morte e desespero, devido aos males do tráfico de pessoas. Nossa fé e espiritualidade nos lembram o poder de Deus para transformar até as situações mais desesperadoras e elevar o que parece estar morto para uma nova vida.

Estamos orgulhosas de continuar numa longa e rica tradição de mulheres católicas, inspiradas no ministério vivificante de Cristo, nos unindo e usando nossos dons e talentos, dados por Deus, para ajudar a construir um mundo onde todos são livres para realizar seus sonhos e viver uma vida em abundância. Nosso trabalho para acabar com o tráfico de seres humanos e apoiar as pessoas que sobrevivem está enraizado na Ensino Social Católico, nos valores do Evangelho, na esperança profética e na profunda crença na interconectividade de toda a vida. O Espírito de Deus que nos une no trabalho para acabar com o tráfico de pessoas é o mesmo Espírito que está presente desde o início dos tempos, trabalhando para trazer vida e libertar o povo de Deus. É o mesmo Espírito dinâmico que dá vida, que tanto nos desafia quanto nos sustenta neste trabalho, levando-nos a falar de vida onde há morte, a falar de esperança onde há desespero e a falar amor onde há ódio. Os frutos desse Espírito e Espiritualidade podem ser vistos no trabalho das redes de Talitha Kum nestes últimos 10 anos: promovendo a dignidade humana, o amor e o respeito pela vida; e inspirando colaboração, crescimento e transformação.

As seções a seguir destacarão mais profundamente as características identificadoras da Espiritualidade da Talitha Kum: encarnação e a interconexão de toda a vida; o espírito libertador de Deus; a esperança profética; a colaboração; e Ensino Social Católico.

Encarnação e Interconectividade de Toda a Vida

A Espiritualidade da Talitha Kum honra a presença de Deus revelada em e através de toda a criação. Afirmamos a dignidade inalienável de toda pessoa humana, criada à imagem de Deus (Gn 1,27), independentemente de sexo, gênero, raça, idade, habilidade, nacionalidade ou qualquer outra categoria que o pecado humano use para tentar discriminar e diminuir a presença de Deus na amada criação de Deus. Aos olhos de Deus, não há hierarquia de valor ou importância entre toda a criação. Os sistemas de opressão que procuram dividir e explorar vários aspectos da criação são contrários ao espírito do nosso Deus vivo. Portanto, a Declaração Final da Assembleia dos 10 anos da Talitha Kum em 2019 denunciou especificamente o sexismo, o capitalismo irrestrito, a exploração econômica, o racismo e a xenofobia como áreas prioritárias a serem abordadas no trabalho para acabar com o tráfico de pessoas.

Através do incrível dom da encarnação, o Espírito de Deus assumiu a forma humana e, ao fazê-lo, uniu toda a criação à participação íntima e profunda no

corpo de Deus. Acreditamos que o mistério da encarnação continua a se manifestar na nova vida que vem ao mundo a cada dia. Como Santa Teresa de Ávila disse: *“Cristo não tem corpo agora, a não ser o seu. Os seus olhos são os olhos através dos quais ele olha com compaixão este mundo.”* Como cada pessoa é agora uma parte preciosa do corpo cósmico de Cristo, podemos ver o rosto de Cristo em todas as pessoas. Essa realidade nos chama a responder ao sofrimento do corpo de Cristo presente no tráfico de pessoas, e a trabalhar para curar e prevenir mais violências aos corpos coletivos e individuais de Cristo.

Toda a vida neste planeta está interconectada; fazemos parte de um ecossistema bonito e diversificado. O que prejudica uma parte da criação afeta todas as outras partes. São Paulo nos lembra: *“Se uma parte do corpo sofre, todas as outras partes sofrem com ele”* (1 Cor 12,26). O Papa Francisco também nos lembrou em Laudato Si: *“O ambiente humano e o ambiente natural se degradam juntos”* (LS 48). *A exploração do corpo da terra que vemos hoje está ligada à exploração dos corpos de mulheres, homens e crianças através do tráfico de seres humanos. Ambos refletem uma “cultura de mercantilização”* alimentada pelo capitalismo irrestrito que denunciamos em defesa da dignidade de toda a vida e da proteção de toda a criação. A profunda crença de que a vida é sagrada e toda a vida está conectada através do corpo de Cristo inspira-nos nós uma espiritualidade que nos chama a trabalhar para acabar com a escravidão moderna.

O Espírito Libertador de Deus

A espiritualidade da Talitha Kum está enraizada no entendimento de que o Espírito de Deus está constantemente trabalhando no mundo, buscando promover a libertação de toda a Criação. As Escrituras Hebraicas falam poderosamente do espírito libertador de Deus trabalhando através de Abraão, Moisés e os Profetas para libertar o povo e a criação de Deus de situações de escravidão e opressão. O mesmo Espírito que levou o povo hebreu para fora do Egito, através do deserto e para a terra prometida, é o mesmo Espírito em ação no mundo de hoje, nos chamando para ajudar a libertar os filhos e filhas amados de Deus que estão presos em situações de exploração e escravidão hoje em todo o mundo. Assim como Moisés proclamou corajosamente ao Faraó: *“Deixe meu povo ir!”*, Também nós, membros da Talitha Kum, proclamamos corajosamente a todos os traficantes: *“Deixe nosso povo ir!”*

Acreditamos que, assim como Deus ouviu os clamores dos hebreus escravizados, foi movido por compaixão e respondeu ao clamor deles (Êx 3, 7-8), Deus, também, ouve os gritos das vítimas de tráfico hoje, gritos que costumam parecer inaudíveis ou despercebidos pelo resto da sociedade. Lembramos que Deus não permanece neutro em face da opressão e da escravidão, mas coloca-se do lado dos pobres e dos escravizados, acompanhando-os em seus sofrimentos e trabalhando pela libertação. Como seguidoras do Deus da libertação, também

somos chamadas a ser solidárias com todas as pessoas que estão sofrendo e são escravizados no mundo de hoje, e a fazer todo o possível para trabalhar pela libertação delas.

Esperança Profética

A espiritualidade da Talitha Kum está enraizada na esperança profética. Nos baseamos na sabedoria e orientação de muitos profetas que vieram antes de nós, os que são nomeados ou não nas Escrituras e os que fizeram parte da tradição católica viva nos últimos dois mil anos. Extraímos força e inspiração na esperança profética de Isaías, que proclamou ousadamente: *“O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu; ele me enviou para levar a boa nova aos oprimidos, enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e libertar os presos...”* (Is 61, 1). Essas palavras foram repetidas por Jesus no início de seu ministério público, declarando que essa visão profética hoje era cumprida na presença de todos que o ouviam (Lc 4,18-21). Podemos ver pela realidade de nosso mundo hoje que essa visão ainda não foi totalmente concretizada, que ainda existem pessoas que estão sendo oprimidas e mantidas em cativeiro. Assim, agora, hoje, somos chamadas a continuar esse trabalho profético de proclamar a boa nova do amor, do conforto e da liberdade de Deus, na esperança de que um dia essa nova realidade prevaleça.

Embora o trabalho para acabar com o tráfico de seres humanos possa parecer assustador, nossa espiritualidade enraizada na esperança profética proclama que *“através de Deus todas as coisas são possíveis (Mc 10,27).”* Em uma oração frequentemente atribuída ao profético Santo Oscar Romero, somos lembradas, *“Talvez nunca vejamos os resultados finais, mas essa é a diferença entre o construtor mestre e o trabalhador. Somos trabalhadores, não construtores mestres; ministros, não messias. Somos profetas de um futuro que não é nosso.”* Sentimos conforto em saber que cada um de nós está fazendo a nossa parte para responder fielmente ao chamado para acabar com o tráfico de seres humanos e convidamos outras pessoas a se juntarem a nós como colegas de trabalho neste ministério profético que continua a proclamar vida e amor mesmo nas circunstâncias mais difíceis.

A esperança profética está profundamente enraizada no mistério pascal; a vida, a morte e a ressurreição de Jesus nos ensinam que, mesmo na hora mais sombria, mesmo quando parece que a morte e o mal aparentemente venceram, Deus ainda pode gerar nova vida e esperança no mundo. Essa esperança da ressurreição visível na vida dos sobreviventes que acompanhamos em situações de tráfico e durante o processo de cura e na recuperação de suas vidas e liberdade, é algo pelo qual nós nos sentimos abençoados em poder ver e sentir.. A esperança profética é reforçada à medida que compartilhamos histórias umas com as outras sobre Deus abrindo caminho no meio do nada, provendo abrigo e

segurança, ou nos dando forças para continuar. Essa é uma esperança vivida que não depende de números e resultados, mas é uma graça que nos é oferecida continuamente pelo Espírito de Cristo ressuscitado.

Colaboração

A espiritualidade da Talitha Kum ecoa um forte compromisso com o poder da comunidade e da colaboração. Tomamos como exemplo primordial de colaboração e comunidade o Deus Triúno: três pessoas em uma, cada uma com papéis distintos, mas intimamente unidas como uma força, trabalhando juntas no amor pelo florescimento da vida. Esse modelo trinitário informa e inspira nosso próprio trabalho como comunidades se unindo no amor para trabalhar em prol de uma visão comum: um mundo sem tráfico. Respeitamos e honramos as diferenças entre nossas redes - culturas e congregações com carismas distintos - e apreciamos como esses vários dons são utilizados no serviço da promoção da força libertadora de Deus no mundo. Sabemos que, apesar de nossas diferenças, estamos unidas por uma fé comum como membros do corpo de Cristo. Precisamos que cada pessoa traga os dons únicos que Deus lhes deu para colaborar com o todo maior em benefício do corpo maior ao qual todos pertencemos.

Ensino Social Católico

A espiritualidade da Talitha Kum está profundamente enraizada no Ensino Social Católico (ESC). Cada um dos sete temas do Ensino Social Católico está relacionado ao nosso trabalho e ao fim do tráfico de pessoas: 1) vida e dignidade da pessoa humana, 2) convite à família, comunidade e participação, 3) direitos e responsabilidades, 4) opção pelos pobres e vulneráveis; 5) dignidade do trabalho e direitos dos trabalhadores; 6) solidariedade; e 7) cuidar da criação de Deus.

Vida e dignidade da pessoa humana. A espiritualidade da Talitha Kum está profundamente enraizada em nossa crença na dignidade da pessoa humana e na santidade de toda a vida, o que nos chama a falar e agir contra todos os sistemas e estruturas que negam a dignidade humana básica de uma pessoa. O tráfico de seres humanos trata os seres humanos como mercadorias a serem compradas e vendidas, negando o direito à vida e a sua dignidade.

Chamado à ser Família, a viver em Comunidade e à Participação. Todas as pessoas têm o direito de participar plenamente da sociedade, formar famílias, se assim o desejarem, e colaborar juntas para o bem comum. O tráfico de pessoas destrói os sistemas familiares e tira a liberdade de um indivíduo de participar da sociedade e trabalhar em prol do bem comum. Nossa fé nos chama a ajudar a libertar os apanhados nesta forma de escravidão moderna, para que possam buscar esses direitos e liberdades básicos.

Direitos e responsabilidades. Toda pessoa tem um direito fundamental à

vida e tem responsabilidades para garantir que esses direitos sejam protegidos para todas as pessoas. O tráfico de pessoas destrói a vida e a liberdade de uma pessoa, e todos nós temos a responsabilidade de garantir que a dignidade inalienável e os direitos humanos de cada pessoa sejam protegidos e nutridos.

Opção pelos Pobres e Vulneráveis. Esta opção preferencial pelos pobres e vulneráveis, reconhece que os pobres e vulneráveis correm particularmente risco de ter seus direitos violados ou sofrer injustiça. Assim como Deus sempre fez uma opção pelos pobres e vulneráveis ao longo da história, também continuamos priorizando as necessidades dos pobres e vulneráveis. Sabemos que os traficantes têm como alvo particular aqueles que são vulneráveis e que a pobreza leva muitas pessoas a situações de tráfico. Reconhecemos uma profunda conexão entre pobreza e tráfico de seres humanos e abraçamos o apelo para desafiar estruturas econômicas injustas e proteger todas as populações vulneráveis como uma parte importante do fim do tráfico de pessoas.

A dignidade do trabalho e os direitos dos trabalhadores. Os direitos básicos dos trabalhadores, incluindo salários decentes e justos, condições de trabalho seguras e saudáveis e o direito de organizar e ingressar nos sindicatos, devem ser respeitados. O tráfico de seres humanos é lucrativo para os traficantes, porque depende da exploração dos trabalhadores – aos trabalhadores não são pagos salários justos, se é que recebem salário, eles geralmente são abusados fisicamente, sexualmente e mentalmente, trabalham em condições perigosas e não têm oportunidade de se organizar com outros trabalhadores explorados. Chamadas a defender a dignidade do trabalho e os direitos dos trabalhadores, nós nos reunimos para usar nossa voz e ação coletivas para denunciar todas as formas de escravidão moderna e promover os direitos de todos os trabalhadores.

Solidariedade. O princípio da solidariedade nos lembra que, por estarmos todos conectados, somos chamados e chamadas a nos unir aos que sofrem com os sistemas de opressão para trabalharmos juntas pela paz e pela justiça e pela nossa liberdade coletiva. Uma espiritualidade de solidariedade nos impede de não enxergar ou sermos surdas aos gritos das pessoas que sofrem com o tráfico de pessoas. Em vez disso, participamos com elas, acompanhando aquelas que já foram impactadas pelo tráfico e trabalhando para impedir que outras pessoas se tornem vítimas. A solidariedade nos lembra que estamos juntas nessa missão.

Cuidado da Criação de Deus. Toda a criação está conectada através do Espírito do Deus vivo. Como parte do corpo da criação, somos chamadas a proteger e defender todas as outras partes do corpo, sejam elas humanas, animais, vegetais ou minerais. Sabemos que a exploração da terra e de seus recursos está causando grandes impactos na família humana. A crise climática está forçando as pessoas a níveis sem precedentes de deslocamento e migração, tornando-as mais vulneráveis aos traficantes. Cuidar das vítimas do tráfico de pessoas e cuidar do planeta é parte integrante do nosso cuidado com a criação de Deus e trabalhar para acabar com os males do tráfico de pessoas.

Conclusão

Nossa tradição de fé católica informa e fundamenta a espiritualidade da Talitha Kum. A semente plantada há 10 anos na fundação dessa rede internacional de redes continua a crescer, nutrida pelo Espírito do Deus vivo, despertando nova vida e proclamando a boa nova da esperança e da liberdade da ressurreição. Nós nos admiramos e nos sentimos pequenas ao ver como esse Espírito continua inspirando novas redes e congregações a se juntarem a nós neste chamado para acabar com o tráfico de pessoas. Temos fé que, enquanto permanecermos enraizadas nesse Espírito que durou séculos e superou muitos desafios, também veremos seus frutos através da libertação da criação de Deus. Somos gratas por estarmos unidas neste trabalho e nesta fé. Nossa Declaração Final da Assembleia de 2019, corajosamente, diz: *“Juntas, criaremos um futuro cheio de esperança profética trabalhando em comunhão, formando uma rede de compaixão e graça!”* Essa é a Espiritualidade da Talitha Kum.

“EU LHE DIGO, LEVANTE-SE”.
REFLEXÃO SOBRE O EVANGELHO DE
SÃO MARCOS 5, 41

Elisabeth Green

Elizabeth Green é Teóloga e Pastora da Associação Cristã Evangélica Batista.

Original em Inglês

O capítulo 5 de Marcos, é um capítulo especial para nós porque contém as palavras que inspiraram nosso trabalho Talitha-kum, “Menina, eu lhe digo, levante-se”.

Antes de abordar isso, eu gostaria que pensemos como esta passagem foi construída, porque, na verdade não podemos falar da menina que se levantou sem falar da mulher que foi curada da hemorragia. Marcos quer que consideremos as duas passagens juntas. E o que elas têm em comum?

Bem, nada menos que uma multidão querendo ver e tocar em Jesus: uma grande multidão se reunia em torno de Jesus”, “e uma grande multidão seguia Jesus e se aglomerava em torno dele”. E, quando Jesus, finalmente, chega à casa de Jairo, lá também há uma multidão “ eles viram um tumulto e pessoas chorando e gritando alto”.

Pensemos na multidão que circula num mercado ou numa feira. Pensemos em pessoas se empurrando e se esbarrando para ver algo num dia de festa em nossos países. Pensemos no barulho, no calor, nas cores, nos cheiros. Pensemos nas multidões que seguiam Jesus, procurando por algo, esperando algo “Quando Jesus viu as multidões, teve compaixão porque estavam desamparadas, como ovelhas sem pastor”.

A multidão é uma realidade física, concreta. E você não pode estar entre a multidão sem tocar ou ser tocado por pessoas. Imagine-se estar num trem, bonde ou ônibus superlotado, empurrado para perto das pessoas, esbarrando nas pessoas. Estar sendo empurrado, tocado. A multidão não apenas une os dois episódios, mas traz presente o toque, o contato humano. Quantas vezes Marcos diz que a mulher que sofria de hemorragia tocou em Jesus? Ela pensou em tocar em Jesus e tocou em Jesus, Jesus pergunta quem o tocou e os discípulos dizem, “Você vê a multidão que lhe pressiona e, ainda assim, você pergunta quem lhe tocou?” Jesus não desiste, não deixa que a mulher passe como anônima na multidão, ele insiste. O contato corporal ao longo do qual o poder curador flui é completado pela palavra: “filha, sua fé a curou; vá em paz e seja curada de sua doença.”

Ao chegar à casa de Jairo, é como se ele já tivesse tido contato suficiente com a multidão, seu barulho, sua confusão, sua incapacidade de compreender. Ele, então, deixa a multidão fora de casa e entra na casa com os pais da menina e seus discípulos mais próximos. Ele não mais está cercado por uma multidão, por corpos que o pressionam, que o empurram, mas isso não significa que o toque não seja mais importante. O que Jesus faz, então? Ele entra na casa e toma a menina pela mão. No primeiro episódio é a mulher que se aproxima e toca em Jesus. Aqui é Jesus quem toca a filha de Jairo, tomando-a pela mão. Mais uma vez o toque que cura é acompanhado por uma palavra: “Eu lhe digo, levante-se”. Caminhe com seus próprios pés, você é capaz disso. Levante-se, apoie-se na sua fé, caminhe. O que quer que estivesse fragilizando a menina, a deixa “e imediatamente a menina levantou-se e pôs-se a caminhar; pois ela tinha 12 anos de idade”. Nós poderíamos falar de ressurreição se quiséssemos, mas uma ressurreição que acontece na meio da vida, quando as coisas parecem difíceis para nós. Uma ressurreição que nos faz levantar, que nos coloca de volta no caminho, que nos capacita, que nos faz recomeçar de onde paramos.

A multidão com seu barulho, com seu cheiro, com seus empurrões e pressões, com sua proximidade humana, na qual o desespero e a esperança andam juntos está presente nestes episódios. Essa multidão apresenta as mesmas reivindicações para nós hoje? Jesus não desiste, não se desespera, não se deixa dominar pelas numerosas tarefas ou pelo grande número de pessoas necessitadas. Tampouco se cansa de conceber grandes e mega projetos, temeroso de não conseguir realizá-los. Ele simplesmente se deixa tocar por aqueles que desejam tocá-lo e, então, pára para assegurar-se que a cura seja completa como fez com a mulher que sofria de hemorragia, atendendo àqueles que, como Jairo, buscam ajuda para uma criança doente.

Podemos ver, com os olhos da mente, como estas duas curas caminham juntas? No primeiro episódio a mulher estende a mão e toca em Jesus. Jesus percebeu que alguém o tocou e sentiu que uma força havia saído dele. No segundo episódio Jesus vai até a casa da menina e a toma pela mão. Talvez a

menina também sentiu que uma força vinda de Jesus entrava nela e a fortalecia. Nós não sabemos. Na primeira cura, a mulher que percebeu que Jesus a reconheceu, prostra-se “Mas a mulher, sabendo o que tinha sido feito por ela, aproximou-se de Jesus com medo e tremendo prostrou-se diante dele.” A menina, por sua vez, estava já deitada, morta ou adormecida e levantou-se. Parece-me que estes dois movimentos, prostrar-se e levantar-se complementam-se e se completam. Não é isso o que acontece conosco? Às vezes, nós mesmos precisamos de alguém que nos cure, nos toque e como a mulher que sofria de hemorragia, somos curadas. Outras vezes nós vamos, com Jesus, ao encontro do outro da outra, tocar uma outra pessoa, com a força da ressurreição de Deus. Algumas vezes nós, como a filha de Jairo, somos tocadas por um outro e somos curadas e, ainda, outras vezes esperamos – como os discípulos nas sombras – pelo toque de Jesus para acompanhar seu milagre.

Há um tempo para prostrarmo-nos em reverência e admiração e ouvir uma palavra de Jesus, palavra que nos envia a trilhar nosso caminho em paz e, há um tempo para responder sem hesitação à convocação de Jesus, Talitha-kum “Levante-se”, “Levante-se com força” e prossiga com suas tarefas com renovado vigor.

Tenho certeza de que é sua experiência, assim como é minha, nunca se sabe como Deus está trabalhando. Mas, como este capítulo nos diz, Deus está trabalhando em nós e através de nós. A compaixão de Deus pelas multidões não é menor agora do que era no tempo de Jesus. E nesta multidão quente e agitada, nas cores, cheiros e ruídos que ameaçam nos dominar, Deus alcança mulheres e homens como nós, sabendo que, ao tocarmos e sermos tocadas, alcançaremos os outros, todos e cada um com seu próprio nome, sua própria história de vida, com suas próprias esperanças, medos e necessidades, para que juntas nos levantemos e andemos, sejamos curadas e caminhemos em paz.

SAUDAÇÃO DA PRESIDENTA DA UISG NO INÍCIO DA ASSEMBLEIA DE TALITHA KUM

Ir. Jolanta Kafka, RMI

Ir. Jolanta Kafka é a Superiora Geral das Religiosas de Maria Imaculada-Missionárias Claretianas e a Presidenta da UISG.

Original em Espanhol

Queridas Irmãs, aqui presentes e todas as pessoas que nos acompanham via online... uma cordial saudação a esta assembleia reunida: BEM-VINDAS! Que bom poder celebrar desta forma os 10º aniversário da Talitha Kum ... em comunhão, agradecendo e buscando juntas ...; como delegadas, em nome de outras pessoas, que colocaram suas vidas a serviço do mesmo apelo “Talitha Kum!... levante-se!”, sinto-me realmente privilegiada em acolhê-las em nome da UISG e são palavras de satisfação. Considero um dom de Deus poder olhar em seus rostos. Vocês são preciosas!

Olhemos, por um instante, nossos rostos: que diversidade, que representatividade, quanta generosidade de Deus em cada um deles...! Quem somos as que aqui estamos? Certamente, podemos dizer como São Paulo ... aqui não há fortes, nem sábias nem superinteligentes ... Não, somos simplesmente pessoas “agraciadas”; Todas fomos de alguma forma resgatadas por Deus, por pessoas ... Todas temos experimntado a redenção.

Talitha Kum! Sim, vocês são as primeiras pessoas que se levantaram à voz de Jesus que entrou em sua vida. Vocês responderam, sim... Vocês deixaram alguma coisa para trás e colocaram-se a caminho. Estar aqui é, primeiramente, um fato vocacional para cada uma. Pois no caminho desse apelo, seguindo o Senhor, em algum momento deu-se um novo encontro, um chamado especial para entrar na rede Talitha Kum. Agradecemos a Deus por acolherem este chamado! Certamente, como a mim, a cada uma de vocês, a resaposta a este apelo tem revolucionado nossa existência.

O que aconteceu em nosso contexto e em nosso interior para motivar essa resposta a Deus? Para não passarmos às pressas diante de algo que afeta nossa consciência?

Por alguns anos, recebemos dados que denunciam a persistente praga do tráfico de seres humanos. Não há país no mundo que não esteja envolvido. Os relatórios da ONU a certificam, embora por trás das estatísticas oficiais muitas vezes existam realidades ocultas nunca declaradas ou contadas.

O Protocolo para Prevenir, Suprimir e Punir o Tráfico de Pessoas define que:

“Tráfico de pessoas” significa o recrutamento, transporte, transferência, recepção ou acolhida de pessoas, recorrendo à ameaça ou ao uso da força ou outras formas de coerção, sequestro, fraude, engano, abuso de poder ou situação de vulnerabilidade ou concessão ou recebimento de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tem autoridade sobre outra, pressionando por multas de exploração. Essa exploração inclui, no mínimo, a exploração da prostituição de terceiros ou outras formas de exploração sexual, trabalho ou serviços forçados, escravidão ou práticas semelhantes à escravidão, servidão ou remoção de órgãos.” (Art. 3, parágrafo A) São estatísticas, mas por trás de cada uma existe sofrimento inescrutável, uma história de dor e, ao mesmo tempo de força e superação.

”A Igreja Católica entende que deve intervir em qualquer fase do fenômeno do tráfico de seres humanos; ela quer protegê-los da decepção, do desespero; quer a liberdade deles quando são levados à escravidão; quer ajudar e acompanhá-los quando forem libertados “, dizem as *Diretrizes Pastorais sobre Tráfico de Seres Humanos* que a recente Conferência Internacional sobre Tráfico de Seres Humanos (11/04/2019) preparou. Naquela ocasião, o Papa Francisco disse: “o tráfico constitui uma violação injustificável da liberdade e dignidade das vítimas, dimensões constitutivas do ser humano desejado e criado por Deus, por isso deve ser considerado um crime contra a humanidade. E é claro, é um crime! A mesma gravidade, por analogia, deve ser atribuída a toda a difamação da liberdade e dignidade de todo ser humano, seja um compatriota ou um estrangeiro.”

A Talitha Kum põe em prática o desejo da Igreja de promover atividades, conscientização e presenças concretas em cada fase do tráfico de pessoas... desde a prevenção até a integração.

Permitam-me um pouco de história. Desde os anos 90, algumas religiosas, trabalhando com vítimas de abuso sexual, vítimas de violência ou em situações de exploração, entraram em contato com a dolorosa e violenta realidade do tráfico de pessoas. Logo elas perceberam a magnitude e a complexidade do que estava acontecendo e começaram a dialogar entre si para mobilizar mais recursos e, acima de tudo, conscientizar suas congregações sobre o que estava acontecendo. As Superiores Gerais da União Internacional (UISG), cientes desse contexto emergente, solicitaram à Comissão de Justiça e Paz da UISG (JPIC) que organizasse eventos para estudar esse problema crescente.

Em 2001, o ATWG (Fundo Anglicano para Mulheres e Crianças) apresentou o fenômeno do tráfico de pessoas a mais de 800 superiores gerais reunidas, em Roma, para a Plenária da UISG. Em sua declaração final, as participantes da Assembleia declararam: “Nós, quase 800 mulheres líderes de um milhão de membros de Institutos Religiosos Católicos em todo o mundo, declaramos publicamente nossa determinação de trabalhar em solidariedade entre nós e em nossas próprias comunidades religiosas, assim como nos países onde estamos localizadas para abordar insistentemente, em todos os níveis, o abuso e a exploração sexual de mulheres e crianças, com atenção especial ao tráfico de mulheres, que se tornou um negócio multinacional lucrativo.” (Boletim da UISG - número especial 116)

O compromisso público expresso em 2001 foi confirmado mais uma vez pela assembleia da UISG de 2004, abrindo caminho para uma colaboração intercongregacional mais forte entre as congregações religiosas no campo da luta contra o tráfico. Desde o início, essa iniciativa, chamada Talitha Kum, nasceu dos processos de diálogo e discernimento realizados pelas Irmãs envolvidas na área, juntamente com as superiores das congregações femininas. Devemos agradecer às superiores que nos precederam pelo apoio que têm dado às Irmãs na linha de fronteira.

Lembremos desse caminho marcado pela entrega de algumas Irmãs que coordenaram as primeiras iniciativas: Irmã Bernadette Sagma, FMA, coordenadora do projeto UISG e Irmã Eugenia Bonetti, MC, Irmã Estrella Castalone, FMA, que ocupou a posição entre 2010 e 2014. Com o apoio das presidentes da UISG, especialmente nos dois períodos anteriores: Irmã Carmen Sammut e agora, desde 2015, a coordenadora é Irmã Gabriella Bottani, SMC.

Hoje, um reconhecimento a algumas que têm dado uma contribuição especial nesta história da Talitha Kum.

Todas aquelas que acreditaram no valor profético de cada gesto, de ser instrumentos de salvação, merecem um prêmio e já sabemos qual é o primeiro prêmio: a alegria daquelas que generosamente dão a vida aos outros, como nos assegurou Jesus, e a alegria de ver uma pessoa renascer.

Mas não vamos perder de vista o fato de que os gestos estão inscritos em processos... Não fazemos gestos “aleatórios”, não chegamos a ocupar um “espaço” por acaso... estamos dentro de uma caminhada, dando humildemente os passos e aprendendo a seguir. Nós não vamos parar... com a ajuda de Deus.

A Talitha Kum é definida como uma REDE. A REDE fala de fios ou cordas em conexões, capazes de abarcar e chegar muito longe. É uma rede que resgata, não ata, nem pesca e nem caça. É uma rede de braços estendidos, onde o impulso lançado de um único ponto chega ao extremo oposto.

O caráter da rede marca um estilo de trabalho. Ninguém age sozinho, nem se sente sozinho. Ninguém se sente protagonista. Nós fazemos parte de um todo. O todo é sempre mais do que a parte, como nos ensina o Papa. Trabalhar juntas é muito importante nessa forma delicada e até perigosa e ousada de missão.

Agradeço às Irmãs que apoiam este ministério, de Roma e do local de trabalho, pela capacitação, assistência jurídica, logística. É um dom de Deus que neste trabalho em REDE vocês ultrapassam as fronteiras das culturas, dos pertencimentos às congregações. Há alguns anos atrás, foram criadas Redes incríveis, impensáveis. Infelizmente, o espírito maligno também quer obstruir o bem, criando suspeitas, resistência por medo das consequências que muitas vezes contrastam com o bem-estar de alguns ou a consciência silenciada de muitos.

Temos, dezíamos, um caminho a seguir.

Eu sei que vocês vão trabalhar sobre várias questões nesta assembleia.

Rer a história já feita, com gratidão e espírito crítico, será a primeira tarefa; Vocês certamente se perguntarão como coletar o que aprenderam com a prática e a experiência. O que vocês aprendem com o contato com as pessoas.

Encorajo-lhes a explorar horizontes com sonhos e a estabelecer objetivos imediatos

- Continuar as relações de apoio mútuo, troca de informações, meios de capacitação e colaboração a partir da Talitha Kum em conexão com as conferências dos religiosos locais. A abertura para leigos de outras religiões, como já está acontecendo.
- Cultivar relacionamentos com outras organizações com espírito de discernimento.
- Creio que a opção de estar na base, em contato direto com as vítimas, pode ser definida como uma prioridade. Poderíamos nos perguntar se esse não seria um momento para fortalecer o compromisso com a chamada “advocacia”? Isto é, ser porta-voz das realidades perante instituições especialmente legais e de prevenção?
- As equipes de coordenação em diferentes países estão cumprindo seu “mandato”. Vocês verão como renová-los e a UISG, a cada três anos, elegerá um novo Conselho, assim como as equipes da Talitha Kum. Obrigada a todas que colaboraram! Sua riqueza de experiência será um tesouro para as novas gerações.

O tema da Assembleia é precioso... “Juntas contra o tráfico: tecendo uma rede no amor”. Isso combina com a natureza da REDE e da missão no AMOR. Por ser delegadas, vocês têm a responsabilidade de trabalhar nestes dias compartilhando o que cada uma traz dos contextos que representa, dispostas a ouvir e a discernir. E depois levar, no seu retorno, e colocar em prática o que tiver sido acordado. É uma dinâmica do coração: trazer e pulsar para levar. Nós, mulheres, entendemos bem isso.

Tenhamos como horizonte amplo um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável propostos para 2030: “a erradicação do trabalho forçado, a escravidão moderna e o tráfico de seres humanos”. Estamos lá, contribuindo com o Evangelho no coração e na mão, caminhando com os outros para alcançar esse objetivo. Da UISG, continuaremos apoiando e acompanhando seus passos.

Desejo-lhe um bom trabalho e uma bela experiência vocacional!

DISCURSO DE ACOLHIDA DA COORDENADORA DE TALITHA KUM

Ir. Gabriella Bottani, SMC

Original em Inglês

O sentimento é de profunda gratidão a Deus, a quem senti presente nesses anos de serviço à UISG, na coordenação da Talitha Kum. Eu senti a presença do divino em muitos momentos:

- Abraçar aquelas que experimentaram a violência do tráfico e que agora se uniram a caminhos de reabilitação e reintegração social. É uma realidade que acompanho à distância, para servir as pessoas envolvidas na base. Dados, ainda que parciais, coletados pela Talitha Kum em colaboração com a Universidade Gregoriana aqui em Roma, revelam que em 2018 nossas redes acompanharam quinze mil e quinhentas pessoas que sobreviveram ao tráfico, oferecendo vários serviços.
- Deus estava presente na adolescente que eu conheci na vigília de oração em preparação ao Dia Mundial de Oração e Reflexão contra o tráfico: Ela sussurrou no meu ouvido: “obrigada, vou para casa feliz, agora sei que alguém se importa comigo!” Esse sussurro é dirigido a todas nós!
- Contemplei a presença de Deus nos sorrisos de acolhida e nas palavras de encorajamento que oferecemos umas às outras, entre nós, irmãs e irmãos, comprometidos/as com o engajamento vital contra o tráfico, mesmo quando temos opiniões e maneiras de agir diferentes. Percebo que nossa rede é muito mais que um espaço de coordenação, somos um “grupo no qual nos apoiamos”, alimentamos a esperança. Gostaria de expressar meus agradecimentos especiais às Irmãs do Comitê da Coordenação Internacional, que em suas respectivas regiões apoiam os compromissos assumidos em conjunto desde 2016. Ir. Adel (Ásia), Ir. Patricia (África), Ir. Imelda (Europa), Ir. Ann e Ir. Claudette (América do Norte), Ir. Carmela (América Latina) e Ir. Colleen

(Oceania), que não está conosco hoje por motivos de saúde. Para você um abraço especial de todas nós!

- Este ano, o executivo da UISG renovará esse comitê.

Deus nos chama a colaborar, a tecer juntas, através das solicitações e do apoio que recebemos do executivo da UISG, em primeiro lugar da Irmã Patricia Murray, IBVM, secretária executiva. Gostaria de mencionar a Ir. Carmen Sammut, MSOLA, que hoje está entre nós, presidente até alguns meses atrás, e a Ir. Jolanta Kafka, RMI, que continua prestando este serviço à UISG, que acaba de abordar palavras que nos incentivam a renovar nossos esforços. Agradecemos às líderes de muitas congregações que nos motivaram e nos apoiaram, incentivando as Irmãs a se unirem à rede Talitha Kum. A Igreja também confirma nosso chamado através do magistério do Papa Francisco e nos acompanha graças à parceria com a Seção de Migrantes e Refugiados.

“Juntas contra o tráfico de pessoas. Tecendo uma teia em amor.”

A imagem escolhida é a de uma bússola para nos orientar nos tempos sombrios e complexos em que vivemos.

Juntas: uma palavra que inclui, que põe em movimento e nos convida a repensar as fronteiras, os muros e os mares que dividem, desconstruir conceitos de divisão e morte e construir espaços de encontro, acolhimento e conversão.

Juntas: como um movimento que envolve mais pessoas em mais países, para alcançar todas as pessoas que precisam ser abraçadas pelo Amor.

Juntas: pessoas diferentes que sofreram o trauma do tráfico, pessoas religiosas e leigos e leigas comprometidos/as de diferentes carismas, que aceitam o desafio de colaborar. Pessoas de diferentes culturas, países, tradições religiosas, ideias, dons e visões de mundo. Juntas, aprendemos a liberdade, o respeito e a apreciação da diversidade, protegendo a dignidade inerente a cada pessoa.

Juntas contra o tráfico de pessoas: Juntas, com o objetivo de promover caminhos e processos de libertação e dignidade, contra todas as formas de exploração humana e ambiental. Porque, como o Papa Francisco nos lembra bem em sua encíclica *Laudato Sii*: “O ambiente humano e o ambiente natural se degradam juntos” (LS 48). De fato, observamos essa degradação mútua em diferentes contextos: nas minas da região dos grandes lagos do Congo, nas florestas de mangue de Bangladesh e, gostaria de lembrar em particular, na região Amazônica, não apenas porque é particularmente cara para mim, mas porque a exploração humana e ambiental será um dos temas abordados no Sínodo que será aberto em poucas semanas.

Tecer uma rede no amor: as redes Talitha Kum tecem atividades de prevenção, reabilitação social e reintegração de todas aquelas pessoas que sofreram a violência do tráfico, indivíduos, famílias e comunidades. O tráfico de seres

humanos não apenas afeta a pessoa traficada: envolve famílias, aldeias, países.

Tecer uma rede no amor nos permite de entrar nos fatores sombrios que promovem a disseminação do tráfico, os fatores estruturais que contribuem. São muitos, diversos, entrelaçados, mas eu gostaria de destacar dois, que identifiquei ao ouvir as experiências nos workshops das redes:

Primeiro: o diferencial de poder entre homens e mulheres - em todos os setores: econômico, social, familiar, cultural e religioso.

Sabemos disso, mas falamos sobre isso cada vez menos. As principais fontes estatísticas confirmam que a maioria das pessoas traficadas, mais de 70%, são mulheres e meninas. As formas de exploração são diferentes: casamentos forçados, servidão doméstica e mendicância, exploração do trabalho na agricultura, pesca, têxtil, serviços e turismo. As mulheres representam 90% das pessoas traficadas para fins de exploração sexual. Esta é uma causa de grande preocupação, vergonha!

Nós, mulheres, somos um recurso para a humanidade, temos igual dignidade. Precisamos reconhecer isso, fortalecendo-nos umas às outras, de uma maneira inclusiva que envolva a todos. Gostaríamos que esse compromisso se refletisse na Igreja. Gostaríamos que a Igreja oferecesse maiores e mais qualificados espaços de participação para as mulheres, gostaríamos que a Igreja nos envolvesse mais nos processos de tomada de decisão, especialmente em questões que são relevantes para nós e que nos interessam.

Segundo: O modelo dominante de desenvolvimento neoliberal, frequentemente denunciado pelo Papa Francisco. Este modelo já mostrou seus limites. A maximização dos lucros a todo custo aumentou as desigualdades, enquanto a queda drástica na prestação de serviços de apoio pelos Estados - social, saúde, educação, trabalho - exacerba a situação de pessoas já frágeis e empurra cada vez mais grupos sociais à margem. A progressiva polarização do discurso político sobre migração promove divisões e discriminação. Abre oposição e ódio para aqueles que são considerados “diferentes”.

Como resultado, os problemas que enfrentamos, na organização diária de nosso serviço, especialmente na assistência, são:

- (primeiro) A diminuição dos recursos de médio / longo prazo para assistência médica, serviços sociais e acesso ao trabalho apoiado pelas autoridades públicas. Cada vez mais, os recursos alocados pelos governos para programas de prevenção, acolhimento e reintegração social / emprego de pessoas traficadas estão sendo reduzidos. Em particular, aquelas que precisam de longos caminhos de acompanhamento, como aquelas com sofrimento mental, são penalizadas. Vemos casas de acolhimento sendo fechadas ou destinadas a outros serviços, devido à falta de fundos, ou não encontramos mais abrigos disponíveis para receber uma sobrevivente, porque não há fundos alocados para a acolhida de indivíduos em situações difíceis.

- (segundo) a normalização da exploração: as pessoas não sonham mais com melhores oportunidades, conhecem apenas a exploração e se consideram bens, objetos... Os sistemas de justiça tornam cada vez mais difícil obter a compensação das pessoas exploradas. Elas geralmente são enviadas de volta para casa com uma pequena quantia de dinheiro dada a uma ONG por seus cuidados.
- (terceiro) Também notamos com preocupação o aumento da vulnerabilidade ao tráfico entre migrantes, especialmente entre aqueles que não têm possibilidade de mobilidade com documentos regulares. Observamos um aumento na dificuldade de acessar e identificar pessoas traficadas.

Temos o compromisso de promover processos de transformação individuais e coletivos. (Rom. 12,2) Transformação / conversão que envolve, acima de tudo, nossa mentalidade, estilos de vida e escolhas, modelos culturais. É impossível abordar a dor do tráfico às pressas. Isso só é possível se nos movermos no ritmo do “Amor”, deixando a realidade habitar em nós e nós na realidade. Caso contrário, corremos o risco de ser como os traficantes que usam as pessoas para obter poder, prestígio, dinheiro e assim por diante...

Para nós, Talitha Kum, opor-se ao tráfico significa deixar Deus agir em nós e conosco. Existem gestos simples que permitem que a beleza e a liberdade brilhem na escuridão causada por relacionamentos disfuncionais, de dominação, de violência.

Como Maria, experimentamos que a ação de Deus dispersa os orgulhosos e derruba os poderosos, confunde-os, porque prefere aqueles que são pobres, excluídos, marginalizados, descartados, aqueles que são considerados sem valor. (Lc. 1, 51-52) Deus nos chama a trabalhar juntas, porque ele nos pede para dar o primeiro passo e curar nossos relacionamentos feridos pela competição, muitas vezes impostos por modelos culturais de dominação, que nos ensinam a lutar um contra o outro.

O tráfico de pessoas é um dos sintomas da crise do nosso tempo. Nesse contexto, somos chamadas a permanecer no amor de Deus (Jo 15, 9) e manter a esperança viva, tecendo uma rede de amor. Santa Josephine Bakhita, nossa irmã, nos acompanha e nos apoia, ela que conheceu pessoalmente o trauma da escravidão, mostra-nos o caminho para permanecer com confiança no Amor.

Que nós, delegadas nesta Assembleia, recebamos a graça de fazer justiça, amar o bem e caminhar humildemente com nosso Deus. (Miqueias 6, 8)

*DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS PARTICIPANTES NA ASSEMBLEIA
GERAL “TALITHA KUM”,
A REDE INTERNACIONAL DA VIDA
CONSAGRADA CONTRA O TRÁFICO DE
PESSOAS*

Papa Francisco

Quinta-feira,

26 de setembro de 2019

Amadas irmãs!

Estou muito contente por vos poder receber hoje, por ocasião da vossa primeira Assembleia Geral. Agradeço às Irmãs Kafka e Bottani a sua introdução. Talitha Kum nasceu em 2001 de uma intuição missionária da União Internacional das Superiores-Gerais e hoje apresenta-se como uma rede mundial que coordena os esforços dos institutos de vida consagrada engajados no combate ao tráfico de pessoas. Em apenas dez anos conseguiu coordenar 52 redes de religiosas presentes em mais de 90 países de todos os continentes. Os números do vosso serviço falam com clareza: dois mil agentes, mais de quinze mil vítimas do tráfico assistidas e mais de duzentas mil pessoas abrangidas através de ações de prevenção e sensibilização.

Felicito-vos pelo importante trabalho que estais a levar a cabo neste âmbito tão complexo e dramático. Um trabalho que une a missão e a colaboração entre os institutos. Escolhesteis estar na vanguarda. Por isso, merecem gratidão as numerosas congregações que trabalharam e continuam a trabalhar como “vanguardas” da ação missionária da Igreja contra o flagelo do tráfico de pessoas (cf. *Discurso aos participantes na Conferência sobre o tráfico de pessoas*, 11 de abril de 2019). E também trabalhar em conjunto: é um exemplo. É um exemplo para toda a Igreja, inclusive para nós: homens, sacerdotes, bispos... É um exemplo. Continuai assim!

O principal objetivo desta vossa primeira assembleia foi a avaliação do caminho percorrido e a identificação das prioridades missionárias para os próximos cinco anos. Nas várias sessões de trabalho decidistes concentrar-vos em duas questões principais, relacionadas com o fenómeno do tráfico de seres humanos. Por um lado, as grandes diferenças que ainda marcam a condição das mulheres no mundo, derivadas principalmente de fatores socioculturais. Por outro, os limites do modelo de desenvolvimento neoliberal que, com a sua visão individualista, corre o risco de privar o Estado das suas responsabilidades. Sem dúvida, trata-se de desafios complexos e urgentes, que exigem respostas adequadas e eficazes. Sei que, na vossa assembleia, vos comprometestes a encontrar propostas de solução, salientando os recursos necessários para as realizar. Aprecio este trabalho de planificação pastoral em vista de uma assistência mais qualificada e frutuosa às Igrejas locais.

Embora sejam importantes, estes não são os únicos desafios que enfrentamos. O Departamento para os Migrantes e os Refugiados, do *Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral*, publicou recentemente as «*Orientações pastorais sobre o tráfico de pessoas*», um documento que esclarece a complexidade dos desafios de hoje e oferece indicações claras para todos os agentes pastorais que desejam trabalhar neste âmbito.

Desejo renovar o meu encorajamento a todos os institutos femininos de vida consagrada, que dispuseram e apoiaram o esforço das suas religiosas no combate ao tráfico e na assistência às vítimas. Enquanto vos convido a dar continuidade a este compromisso, dirijo o meu apelo também a outras congregações religiosas, tanto masculinas como femininas, a fim de que adiram a este trabalho missionário, disponibilizando pessoal e recursos para poder chegar a todos os lugares. Além disso, espero que se multipliquem as fundações e os benfeitores que asseguram o apoio generoso e abnegado às vossas atividades. Em relação a isto, convite a outras congregações religiosas, penso nos problemas que muitas congregações têm, e talvez algumas, tanto femininas como masculinas, possam dizer-vos: “Temos muitos problemas para resolver internamente, não podemos...”. Dizei-lhes que o Papa lhes disse que os problemas “internos” se resolvem saindo para a estrada, de maneira que entre o ar fresco.

Considerando a dimensão dos desafios apresentados pelo tráfico, é necessário promover um compromisso sinérgico por parte das diversas realidades eclesiais. Se, por um lado, a responsabilidade pastoral é confiada essencialmente às Igrejas locais e aos Ordinários, por outro, é desejável que estes últimos saibam empenhar na programação e na ação pastoral as congregações religiosas femininas e masculinas, e as organizações católicas presentes no seu território, de modo a tornar a obra da Igreja mais imediata e eficaz.

No combate ao tráfico, as congregações religiosas desempenham de maneira exemplar a sua tarefa de animação carismática das Igrejas locais. As vossas intuições e iniciativas pastorais prepararam o caminho para uma resposta eclesial

urgente e eficaz. No entanto, desejo reiterar que «o caminho da vida consagrada, tanto feminino como masculino, é a vereda da inserção eclesial» (*Discurso escrito à XXI Assembleia Plenária da UISG*, 10 de maio de 2019). É o caminho do Espírito Santo: Ele é o Autor da “desordem” na Igreja, com muitos carismas, e ao mesmo tempo é o Autor da harmonia na Igreja. Um caminho de riqueza. E isto significa estar na Igreja, com os dons do Espírito Santo: é a liberdade do Espírito. E se algum de vós tiver dúvidas, leia os Atos dos Apóstolos e veja a criatividade do Espírito, quando os crentes têm a coragem de deixar a sinagoga, de sair. «Fora da Igreja — desta Igreja — e em paralelo com a Igreja local, as coisas não funcionam» (*ibidem*). Mas é esta Igreja, rica de muitos carismas, que nos fortalecerá!

Queridas Irmãs, abençoo-vos e confio à Virgem Maria os vossos bons propósitos para o futuro; e asseguro-vos a minha recordação na oração. E também vós, não vos esqueçais de rezar por mim, porque eu preciso de orações. E permitime um conselho conclusivo. Nunca termineis o dia sem pensar no olhar de uma das vítimas que conhecestes: esta será uma bonita prece. Obrigado!



DECLARAÇÃO FINAL DA ASSEMBLEIA DE TALITHA KUM

27 setembro 2019

Nós, 86 delegadas de 48 países, representantes de 52 redes de Talitha Kum comprometidas com o trabalho para acabar com o tráfico de pessoas em todos os continentes, reunidas/os de 21 a 27 de setembro, em Roma na Sede da União Internacional das Superiores Gerais, em discernimento orante e ação de graças, para:

- Celebrar os 10 anos da Rede Talitha Kum;
- Avaliar o trabalho realizado em conjunto de acordo com as prioridades estabelecidas em 2016; e
- Definir as prioridades da Talitha Kum Internacional para apoiar os esforços de combate ao tráfico, no período de 2020 a 2025.

O tráfico de pessoas no mundo assume diversas formas. Como membros de uma rede internacional e seguidoras/es de Jesus Cristo, ouvimos o chamado para responder as causas profundas do tráfico humano que transcendem as fronteiras nacionais. Com o objetivo de viver nossa missão e visão identificamos três áreas prioritárias de injustiça estrutural a serem enfrentadas na luta para acabar com o tráfico de pessoas.

Primeira prioridade: A diferença de poder entre homens e mulheres em todos os setores: econômico, social, familiar, político, cultural e religioso.

Denunciamos a coisificação e denigração das mulheres que contribuem para uma cultura global de exploração e violência contra mulheres, refletida no tráfico humano. De acordo com o escritório sobre Drogas e Crime da ONU, 72% das pessoas exploradas através do tráfico humano são mulheres e crianças. Existem muitas formas de tráfico humano incluindo exploração sexual, laboral e remoção ilegal de órgãos. Em se tratando de tráfico para exploração sexual as mulheres representam uma porcentagem ainda maior entre as vítimas.

Fazemos um apelo à Igreja, como Corpo de Cristo e um exemplo para a sociedade, a testemunhar o valor e a dignidade de mulheres e crianças, promovendo um papel adequado em todos os setores. Que esse compromisso seja refletido dentro da Igreja, envolvendo as mulheres nos processos de tomada de decisão,

principalmente nos temas que as afetam diretamente. Fazemos um apelo às Conferências Episcopais, às congregações femininas e masculinas, ao clero diocesano e aos leigos para colaborar com as mulheres em nível de igualdade a fim de transformar a cultura de dominação e apoiar as redes da Talitha Kum em suas dioceses e comunidades. Apelamos aos governos em todo o mundo para garantir leis e políticas que promovam e protejam a dignidade de mulheres e crianças.

Comprometemo-nos a empoderarmos mutuamente como líderes na luta para acabar com o tráfico de pessoas; fortalecer o modelo inclusivo de trabalho conjunto das nossas redes; ser solidárias/os com todas/os oprimidas/os, especialmente mulheres e crianças e a promover a dignidade e a igualdade de todas as pessoas.

Segunda prioridade: O modelo dominante do desenvolvimento neoliberal e capitalismo irrestrito cria situações de vulnerabilidade, exploradas pelos recrutadores, traficantes, empregadores e compradores.

Denunciamos este modelo econômico injusto que prioriza o lucro acima dos direitos humanos, cria uma cultura de violência e mercantilização e reduz o financiamento para serviços sociais, colocando pessoas em maior risco de serem traficadas. Isto também afeta programas de prevenção, proteção, apoio, integração e reintegração de pessoas traficadas. Denunciamos a corrupção generalizada que contribui para a continuação desse mal.

Fazemos um apelo à Igreja para que continue usando a Doutrina Social Católica como base de crítica às estruturas sociais e promoção da justiça econômica e social; fazemos um apelo aos governos para que adotem alternativas justas ao modelo neoliberal de desenvolvimento; implementem leis de combate ao tráfico e destinem maior financiamento de apoio a programas de longo prazo para prevenção do tráfico humano e assistências às/aos sobreviventes em seus processos de cura e reintegração na sociedade. Esses programas deveriam ser criados com a contribuição direta das/os sobreviventes e daquelas/es que atuam nesta área, tais como as redes Talitha Kum.

Comprometemo-nos com práticas econômicas justas e sustentáveis em nossas redes, bem como, com a criação de espaços de reflexão interdisciplinar, colaboração e incidência política dentro das várias organizações eclesiais, inter-religiosas e organizações governamentais e internacionais de acordo com os valores do Evangelho e da Doutrina Social Católica.

Terceira Prioridade: Leis e políticas de imigração injustas e inadequadas aliadas à migração e deslocamento forçados colocam as pessoas em maior risco de serem traficadas.

Denunciamos as leis e políticas de imigração injustas enraizadas em uma cultura de racismo e xenofobia que negam os direitos humanos básico das pessoas em movimento. Denunciamos a retórica política desumanizante que alimenta o ódio, a divisão e a violência. Denunciamos a rígida política de imigração que coloca

as vítimas do tráfico de pessoas às sombras, dificultando o trabalho de identificação das vítimas e a penalização dos criminosos.

Fazemos um apelo a todas/os os Católicas/os e pessoas de boa vontade a assumir ações proféticas e consistentes com o chamado do Papa Francisco para rezar, acolher, proteger, promover e integrar migrantes, refugiados e pessoas deslocadas internamente a fim de impedir que caiam nas mãos dos traficantes. Apelamos aos governos para que implementem políticas de migração e controle das fronteiras que impeçam o tráfico de pessoas e protejam a segurança, a dignidade, os direitos humanos e a liberdade fundamental de todas/os migrantes, independentemente de seu status migratório.

Comprometemo-nos a trabalhar além das fronteiras e confins através de nossas redes a fim de garantir uma migração segura e impedir o recrutamento dos migrantes pelos traficantes, durante sua viagem e acompanhá-los em seu retorno. Comprometemo-nos usar nossa voz coletiva e envolver funcionários do governo para promover e fazer cumprir as leis e as políticas de migração.

Sabemos que somente trabalhando em colaboração e solidariedade, tecendo uma rede de amor, poderemos enfrentar as questões estruturais que causam e perpetuam o tráfico de pessoas. Como membros da Igreja Católica global, afirmamos as orientações pastorais sobre tráfico de seres humanos e incorporamos suas orientações em nosso trabalho. Convidamos todas/os a se juntarem a nós em oração pela implementação bem-sucedida deste importante trabalho para acabar com o tráfico de pessoas. Juntos, criaremos um futuro cheio de esperança profética trabalhando juntas/os, formando uma rede de compaixão e de graça!

PRIORIDADES INTERNAS TALITHA KUM PARA

2020-2025

A Assembleia também estabeleceu prioridades para aumentar e fortalecer nossa Rede e aprofundar nossos impactos em acabar com o tráfico humano. No período de 2020 a 2025 Talitha Kum se concentrará em melhorar nossos recursos e oportunidades de trabalho em rede, comunicação e formação. Será priorizado o trabalho em educação e prevenção, atenção às/aos sobreviventes, incidência política e o crescimento da rede, priorizando a África e a Ásia.

PESSOAL DA UISG

<u>Nome</u>	<u>Cargo</u>	<u>E-mail</u>	<u>Telefone</u>
Ir. Patricia Murray, ibvm	Secretária Executiva	<i>secretaria.esecutiva@uisg.org</i>	06 684002 36
Rosalia Armillotta	Assistente da Secretária Executiva	<i>ufficio.segreteria@uisg.org</i>	06 684002 38
Aileen Montojo	Administradora de Finanças	<i>economato@uisg.org</i>	06 684002 12
Patrizia Balzerani	Assistente Administradora de Finanças	<i>assistente.economato@uisg.org</i>	06 684002 49
Ir. Florence de la Villeon, rscj	Coordinadora Internacional Projecto Migrantes	<i>rete.migranti@uisg.org</i>	06 68400.231
Patrizia Morgante	Responsável de Comunicação	<i>comunicazione@uisg.org</i>	06 684002 34
Sr. Thérèse Raad, sdc	Escritório de Comunicação (Voluntária)	<i>comunicazione@uisg.org</i>	0668.400.233
Antonietta Rauti	Coordinadora de Boletim UISG	<i>bollettino@uisg.org</i>	06 684002 30
Svetlana Antonova	Assistente Técnica Serviços Gerais	<i>assis.tec@uisg.org</i>	0668.400.250
Ir. Gabriella Bottani, smc	Coordinadora “Talitha Kum”	<i>coordinator@talithakum.info</i>	06 684002 35
Sr. Mayra Cuellar, mb	Talitha Kum Database		
Sr. M. Cynthia Reyes, sra	Coordinadora Programa Formação UISG	<i>formators.programme@uisg.org</i>	0668.400.227
Claudia Giampietro	Coordinadora Office for Care and Protection	<i>formation@uisg.org</i>	0668.400.225
Angelo Spadavecchia	Grants Manager	<i>gm@uisg.org</i>	
Sr. Mary Niluka Perera, sgs	Catholic Care for Children International	<i>cccinternationaluisg@gmail.com</i>	0668.400.225
Conselho de Canonistas		<i>canoniste@uisg.org</i>	
Solidarity South Sudan		<i>solidarityssudan@gmail.com</i>	06 684002 23